

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Rodrigo Schlieper Gouvêa

**Globalização Econômica e Desglobalização Política:
Um fenômeno de descolamento**

Mestrado Profissional em Governança Global e Formulação de Políticas
Internacionais

São Paulo

2025

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Rodrigo Schlieper Gouvêa

**Globalização Econômica e Desglobalização Política:
Um fenômeno de descolamento**

Mestrado Profissional em Governança Global e Formulação de Políticas
Internacionais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais, sob orientação do Prof. Dr. Leonardo Nelmi Trevisan.

São Paulo

2025

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar meu mais sincero agradecimento ao meu professor orientador, que, desde o segundo semestre do mestrado, na disciplina optativa "Trabalho e Globalização", identificou minha sincera vontade de compreender melhor o assunto. Seu incentivo constante e a promoção de diversas discussões acadêmicas não apenas deram origem ao tema desta tese, mas também abriram as portas para um universo acadêmico tão rico, até então desconhecido por mim.

Um agradecimento especial também ao meu pai, pelo apoio incondicional durante toda essa jornada. Sua confiança no caminho que escolhi seguir, as inúmeras leituras, correções atentas de erros gramaticais e suas valiosas opiniões foram fundamentais para que eu pudesse concluir este trabalho com a segurança e a qualidade que almejava.

Quero também manifestar minha gratidão ao professor Christopher Chase-Dunn, que generosamente me acolheu em seu grupo de estudos. As trocas acadêmicas e intelectuais proporcionadas nesse espaço ampliaram significativamente meu horizonte e me colocaram em contato direto com renomados acadêmicos e estudiosos do assunto, proporcionando uma experiência enriquecedora e inestimável.

A todos vocês, meu profundo reconhecimento e eterna gratidão.

“A boa sociedade, como a própria bondade, não pode ser reduzida a uma única fonte: o pluralismo ético é a precondição necessária para um mundo aberto”. Tony Judt

RESUMO

SCHLIEPER GOUVÊA, Rodrigo. **Globalização Econômica e Desglobalização Política: Um fenômeno de descolamento**

A tese investiga o descolamento entre a globalização econômica e a desglobalização política, abordando como a integração dos mercados e a interdependência econômica convivem com um cenário de fragmentação nas relações internacionais. Enquanto a globalização econômica é impulsionada pela digitalização e pela expansão das cadeias globais de valor, a esfera política segue em direção oposta, marcada por políticas protecionistas, restrições migratórias e a reorganização de blocos geopolíticos. A pesquisa mostra que a ascensão e a queda de grandes potências influenciam diretamente os ciclos de integração e retração global, moldando a governança internacional e as alianças estratégicas. Com isso, o trabalho revela um contexto global em que a economia permanece conectada globalmente, enquanto a política se torna cada vez mais instável e divisiva, desafiando a sustentabilidade da ordem global e das relações de cooperação em meio às novas pressões geopolíticas.

Palavras-chave: Globalização, Desglobalização, Interdependência Econômica, Tensões Geopolíticas, Cadeias Globais de Valor, Governança Global.

ABSTRACT

SCHLIEPER GOUVÊA, Rodrigo. Economic Globalization and Political Deglobalization: A Phenomenon of Detachment

The thesis investigates the detachment between economic globalization and political deglobalization, examining how market integration and economic interdependence coexist with a fragmented landscape in international relations. While economic globalization is driven by digitalization and the expansion of global value chains, the political sphere moves in the opposite direction, marked by protectionist policies, migration restrictions, and the reorganization of geopolitical blocs. The research demonstrates that the rise and fall of major powers directly influence global cycles of integration and withdrawal, shaping international governance and strategic alliances. Consequently, this work reveals a global context in which the economy remains interconnected while the political sphere grows increasingly unstable and divisive, challenging the sustainability of global order and cooperative relations amid new geopolitical pressures.

Keywords: Globalization, Deglobalization, Economic Interdependence, Geopolitical Tensions, Global Value Chains, Global Governance.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Taxa tarifária aplicada, média simples, todos os produtos (%)	21
Gráfico 2 - Importação e Exportação EUA 2024	51
Gráfico 3 - Globalização Econômica e Globalização Política	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorização da Globalização	27
Tabela 2 - Globalização, de Facto e de Jure	33
Tabela 3 - Ondas de Globalização	40
Tabela 4 - Evolução das Relações Comerciais entre os Países Seleccionados (1996 - 2022)	59
Tabela 5 - Crescimento Total China e EUA com os Países Seleccionados (1996 - 2022)	60

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ciclos de Globalização	41
Figura 2 - Segmentando o Fenômeno	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BRICS	– Bloco econômico: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CEPAL	– Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CGV	– Cadeias Globais de Valor
CIA	– Central Intelligence Agency (Agência Central de Inteligência dos EUA)
DOTS	– Direction of Trade Statistics (Estatísticas de Direção do Comércio - FMI)
ETHZ	– Instituto Federal de Tecnologia de Zurique
FMI	– Fundo Monetário Internacional
FMI DOTS	– Fundo Monetário Internacional Direction of Trade Statistics
IED	– Investimento Estrangeiro Direto
ISI	– Industrialização por Substituição de Importações
NAFTA	– North American Free Trade Agreement (Acordo de Livre Comércio da América do Norte)
NDB	– Novo Banco de Desenvolvimento (ligado ao BRICS)
OCDE	– Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMC	– Organização Mundial do Comércio
ONU	– Organização das Nações Unidas
OTAN	– Organização do Tratado do Atlântico Norte
PIB	– Produto Interno Bruto
REPowerEU	– Plano europeu para reduzir a dependência energética da Rússia
SDR	– Special Drawing Rights (Direitos Especiais de Saque - FMI)
UNCTAD	– Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento
USMCA	– United States-Mexico-Canada Agreement (Acordo Estados Unidos-México-Canadá)
V-Dem	– Varieties of Democracy (Instituto sobre a Variedade de Democracias)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Contextualização do tema	13
1.2 Justificativa da pesquisa	22
2. REVISÃO DE LITERATURA	24
2.1 Evolução dos conceitos de globalização e desglobalização	24
2.2 Perspectivas críticas e debates atuais no campo	34
3. A RETROALIMENTAÇÃO DOS FENÔMENOS - ANÁLISE DE ASCENSÃO E QUEDA DE GRANDES POTÊNCIAS	37
4. DESCOLAMENTO POLÍTICO DO ECONÔMICO NA GLOBALIZAÇÃO	44
4.1 Justificativa para o descolamento	44
4.2 Impactos do descolamento	48
5. ESTUDO DE CASO	54
5.1 Metodologia Aplicada	54
5.2 Indicadores Econômicos e Comerciais dos Países Selecionados	59
5.3 A Relação Entre China, EUA e as Regiões do Mundo	65
5.3.1 América do Norte: Uma Região em Reconfiguração	65
5.3.2 União Europeia: Entre Dependência Econômica e a Busca por Autonomia ...	67
5.3.3 América do Sul: Entre China e o Multi-Alinhamento Global	70
5.3.4 Coreia do Sul e Japão na Globalização Econômica	73
5.4 Conclusão do Estudo de Caso	76
6. 2025 E A DESGLOBALIZAÇÃO POLÍTICA EM AÇÃO: O RETORNO DE TRUMP E A RECONFIGURAÇÃO DA ORDEM MUNDIAL	79
7. CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS	90

1. Introdução

A globalização, fenômeno que interliga mercados, sociedades e políticas em escala global, tem sido tradicionalmente analisada como um processo uniforme e irreversível. No entanto, a crescente dissociação entre globalização econômica e desglobalização política desafia essa concepção. Enquanto a economia global se mantém interconectada, impulsionada pelo avanço das cadeias globais de valor e pela digitalização, a esfera política segue um caminho de fragmentação, marcado por políticas protecionistas, crises institucionais e reconfiguração geopolítica.

Esta pesquisa investiga essa dinâmica de descolamento entre economia e política, explorando as razões estruturais e conjunturais que impulsionam essa dicotomia. O objetivo central é analisar como a ascensão e queda de grandes potências influenciam ciclos de globalização e desglobalização, impactando a governança internacional. Além disso, busca-se compreender os desafios que essa nova realidade impõe às relações internacionais e às estruturas de cooperação global.

Diante desse cenário, esta tese propõe uma abordagem crítica e interdisciplinar, unindo perspectivas da economia política, da sociologia histórica e das relações internacionais. A análise dos ciclos históricos e das forças que moldam a atual conjuntura global permitirá não apenas compreender a realidade presente, mas também antecipar tendências futuras na reconfiguração do equilíbrio global.

1.1. Contextualização do tema

A globalização já era discutida muito antes de ganhar nome, Karl Marx e Friedrich Engels expuseram, de forma primitiva, a ideia em sua obra “Manifesto Comunista” de 1848. Na obra o fenômeno era tratado, sem definição ou nomenclatura exata, como uma etapa inevitável do desenvolvimento histórico do sistema econômico capitalista, na qual a economia se expandia para além das fronteiras nacionais, criando um mercado mundial e com poder de transformar as relações sociais, políticas e econômicas em escala global, sendo assim, parte de sua natureza, algo intrínseco ao sistema (MARX; ENGELS, 1848).

O termo “Globalização” foi definido somente no século seguinte, tendo como um dos seus precursores, o economista alemão Theodore Levitt. É alçado em seu

artigo “Globalization of Markets”, publicado pela Harvard Business Review, em 1983, o tema com seu eixo voltado à ótica de marketing e negócios, focando na maneira na qual uma empresa deve se portar para ser bem sucedida internacionalmente, com o autor tendo a capacidade de introduzir a primeira definição do fenômeno, sendo caracterizada como uma força poderosa que impulsiona o mundo em direção a uma convergência comum, tendo como motor a tecnologia. Como Levitt argumenta, a tecnologia democratizou a comunicação, o transporte e as viagens, tornando lugares isolados e povos empobrecidos ansiosos pelos atrativos da modernidade. Quase todos, em todos os lugares, desejavam as coisas que ouviam, viam ou experimentavam através dessas novas tecnologias, fazendo com que as barreiras físicas, políticas e econômicas do mundo se tornassem cada vez menores de acordo com a evolução tecnológica. (LEVITT, 1983).

Na década seguinte, o termo começou a tomar tração, sendo tópico de discussão entre diferentes pensadores e escolas. Um dos pontos altos para a popularização do termo, foi a proposição feita pelo sociólogo Roland Robertson em sua obra “Globalization: Social Theory and Global Culture” de 1992, definindo o fenômeno como “A compressão do mundo e a intensificação da consciência do mundo como um todo” (ROBERTSON, 1992, p.8), aproximando o tema das discussões de ciências sociais, geografia e relações internacionais (ROBERTSON, 1992).

Conversando diretamente com outros pensadores da época como Anthony Giddens, Anthony McGrew e David Held, que escreveram obras de suma importância para a concepção do conceito, como “A Global Society” e “The Consequences of Modernity”, ambos de 1990, é traçado um pensamento que se baseava no encurtamento dos laços, com relações sociais intensificadas entre todo o mundo, onde eventos locais poderiam ser moldados por ocorrências distantes. A globalização passa a exemplificar o aprimoramento da consciência social para uma consciência coletiva global, com países e sociedades se abrindo para atividades, sejam elas econômicas, políticas ou culturais - sem distinção - caracterizadas em um “networking” de poder, tendo como aspectos centrais a interconexão, a desterritorialização e a interdependência acelerada (GIDDENS; MCGREW; HELD, 1990).

É importante ressaltar que o conceito de globalização começou a ganhar forma, especialmente no final do século XX, durante o período pós-Guerra Fria. Os

estudiosos dessa época baseavam suas pesquisas e artigos com dados do período que abrangia desde o pós-Segunda Guerra Mundial até a reunificação da Alemanha e a queda da União Soviética. Além de que a construção e definição desse fenômeno foram em grande parte conduzidas por pensadores ocidentais, que analisavam o mundo sob uma ótica de vitória e ascensão da hegemonia estadunidense. Nessa janela de tempo eles observaram o crescimento exponencial de países como Japão e Alemanha Ocidental, duas nações que adotaram o sistema capitalista vigente e alcançaram um desenvolvimento econômico significativo durante as últimas três décadas do século (WORLD BANK, 2023).

Já no sul global, existiam pensamentos e ideias que rodeavam, de diferentes formas, o conceito de globalização fomentado pelo Norte Global. A teoria Cepalina, desenvolvida a partir de 1948 pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), gerou as bases para os pensamentos de teóricos e economistas de países subdesenvolvidos e emergentes. A ideia criada pela Cepal, consistia em abordar as particularidades do desenvolvimento econômico da América Latina, propondo um modelo de industrialização por substituição de importações (ISI). Este modelo visava reduzir a dependência dos países latino-americanos em relação às exportações de produtos primários e à importação de bens industrializados, incentivando o desenvolvimento de uma indústria local robusta e autônoma (CEPAL, 1948).

Celso Furtado, um dos principais expoentes desse pensamento, argumentava que a globalização das estruturas econômicas e a integração dos mercados internacionais frequentemente agravavam as disparidades entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento. Em seu texto "Globalização das estruturas econômicas e identidade nacional" de 1992, Furtado ressaltava que os ajustamentos globais requeriam uma visão prospectiva e a capacidade de pensar o futuro como história. Ele alertava para os riscos de um desenvolvimento subordinado às demandas do capital internacional e potências hegemônicas, enfatizando a importância de um projeto nacional de desenvolvimento que conjugasse vontade política e consenso social garantindo maior independência de atores do norte global (FURTADO, 1992).

Assim, emergia um conceito estruturado que contrastava com o pensamento predominante dos países desenvolvidos, compartilhando características significativas com o que viria a ser conhecido como desglobalização, como a busca

por auto-suficiência. Interagindo com o conceito de forma distante, fornecendo uma breve contextualização sobre outro pensamento que vivenciou os mesmos fenômenos globais.

Durante a última década do século XX, o mundo presenciou algo que abre espaço para essa discussão, a hegemonia estadunidense se consolida, com a queda da União Soviética, a conjuntura internacional se encontra como uma unipolaridade, países que uma vez apoiaram outro sistema econômico, desdobram para criar um sistema único integrado global, confirmando o que Engels e Marx propuseram a quase um século e meio atrás. A adoção da grande parte dos países para o capitalismo mais a incrível tração motora da tecnologia fez com que a conjuntura global tivesse um grande salto nos aspectos centrais sobrescritos da globalização, como interconexão e interdependência acelerada. Com isso, criando e fortalecendo as cadeias globais de valor que conhecemos hoje. Esse processo abriu espaço para que o fenômeno fosse de certa forma confirmado e se tornasse algo que pudesse ser observado e analisado nas mais diferentes formas e escolas de pensamentos (GIDDENS, 2000).

Com isso, no início do século XXI o conceito já ganha ampla vascularidade, com historiadores, cientistas políticos, economistas e sociólogos discutindo o tema sobre as mais diferentes óticas. As transformações do mundo acompanhavam o ritmo de construção do pensamento acerca do fenômeno. O sociólogo Immanuel Wallerstein começa a introduzir o conceito de uma forma mais crítica, em seu livro "World-Systems Analysis: An Introduction" de 2004, ele argumenta que a globalização não é um fenômeno novo, mas sim parte de um processo histórico mais amplo de desenvolvimento do sistema capitalista mundial. Vendo a globalização como um resultado do sistema capitalista que se expandiu ao longo dos séculos, criando uma economia mundial interconectada (WALLERSTEIN, 2004).

O argumento começa a diferir dos outros pensadores quando Wallerstein propõe que o sistema mundial é caracterizado por uma divisão entre países centrais e periféricos, com os primeiros se beneficiando mais da globalização, enquanto os últimos frequentemente enfrentam desvantagens econômicas. Ele argumenta que a globalização não resulta em uma distribuição equitativa de riqueza e poder, mas sim na concentração desses recursos nas mãos dos países centrais e das elites dentro desses países (WALLERSTEIN, 2004)

Além disso, o autor abre as portas para o pensamento de que a globalização não é um processo irreversível e inevitável. Podendo sofrer com a possibilidade de resistência e mudança dentro do sistema mundial vigente, argumentando que a luta de classes e os movimentos sociais são de fato os verdadeiros motores de transformação das estruturas globais de poder e status-quo (WALLERSTEIN, 2004).

A partir da introdução do conceito sobrescrito junto com o pensamento de que talvez a hegemonia estadunidense e o cenário pró globalização alçado pela paz e anos de prosperidade de um sistema econômico único e integrado mundialmente é colocado em cheque por diversos autores.

É importante notar que essa vertente crítica da globalização, que de certa forma denomina e define a decadência das estruturas de poder e os seus efeitos na comunidade internacional, já eram discutidas e pensadas na mesma época do desenvolvimento do conceito de globalização, porém, não eram entrelaçadas nem diretamente relacionadas. Paul Kennedy, que escreveu o livro “Ascensão e Queda das Grandes Potências” em 1987, argumenta que a ascensão e queda das grandes potências estão intrinsecamente ligadas à dinâmica do sistema mundial. Ele destaca que o poder econômico e militar de uma nação está intimamente ligado à sua posição no sistema internacional, e que o declínio de uma potência dominante abre espaço para o surgimento de novas potências. Kennedy argumenta que o excesso de gastos militares e o esgotamento dos recursos econômicos são fatores-chave que levam à queda das grandes potências, e que isso pode ser observado ao longo da história. Sua análise ecoa, mesmo que em diferentes épocas, as preocupações levantadas por Wallerstein sobre as desigualdades e as tensões inerentes ao sistema global e os status quo, se concentrando mais especificamente nas relações de poder entre os estados (KENNEDY, 1987).

Dessa forma, no percorrer da primeira década do século XXI, e a crescente crítica e oposição ao diálogo acadêmico referente ao fenômeno da globalização, surge o conceito de desglobalização. Um dos pioneiros na idealização e formulação desse conceito foi Walden Bello, filipino, doutor em sociologia pela universidade de Princeton, e autor do livro “Deglobalization: Ideas for a New World Economy: Global Issues” de 2002. Ainda de forma tímida e sem ganhar muito destaque para o assunto, Bello define a desglobalização como um processo pelo qual os países buscam reduzir sua interdependência econômica com o resto do mundo, especialmente no que diz respeito às finanças e ao comércio. Ele propõe que o

fenômeno não deve ser entendido como um retorno ao isolamento nacional, mas como uma reorientação das relações econômicas internacionais para garantir uma distribuição mais equitativa de riqueza e poder (BELLO, 2002).

O conceito de desglobalização ganhou destaque especialmente após a crise financeira de 2008, tendo uma mudança em sua definição basal. Economistas como Joseph Stiglitz em seu artigo “Freefall: America, Free Markets, and the Sinking of the World Economy” de 2010, e Dani Rodrik em sua publicação “The Globalization Paradox: Democracy and the Future of the World Economy” de 2011, foram fundamentais nesse reposicionamento. Ambos os autores definem a desglobalização como uma resposta aos problemas gerados e expostos pela globalização econômica. Para eles, a desglobalização envolve uma reversão ao movimento de integração, formulação de cadeias globais de valor e interdependência entre países. Ao contrário do pensamento de Walden Bello, os estudiosos Stiglitz e Rodrik não veem um limite para essa reversão, sugerindo que ela pode ser tão aguda e radical quanto o processo de globalização entre os países (STIGLITZ, 2010; RODRIK, 2011).

Com isso, o fenômeno da desglobalização ganhou considerável destaque nos anos seguintes, impulsionado por eventos significativos, tais como a crise de refugiados sírios em 2011, a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e o Brexit, ambos em 2016. Esses eventos tornaram-se grandes catalisadores do conceito, gerando um intenso debate sobre os fenômenos de globalização e desglobalização, e levantando questões sobre se a conjuntura global está passando por um momento de contração ou expansão das relações internacionais. Além disso, para enriquecer ainda mais a discussão, testemunhamos a pandemia do COVID-19 e eventos posteriores como a guerra na Ucrânia e o conflito entre Israel e Palestina.

Assim, observamos uma divisão entre os autores contemporâneos, com um grupo afirmando que a desglobalização é um fenômeno presente e atuante em diversos aspectos das relações internacionais, tanto econômica quanto politicamente. Autores pró-desglobalização, como o economista Harold James, descrevem em seu artigo “Deglobalization: The Rise of Disembedded Unilateralism”, de 2018, a situação atual como um período de desglobalização influenciado pela crise financeira de 2008. James menciona que a fragmentação financeira, ou nacionalização, está ocorrendo em conjunto com uma desglobalização comercial e

política. Há um aumento do nacionalismo em muitos países industrializados, tanto de direita quanto de esquerda, e em alguns mercados emergentes, observa-se uma tendência em direção à autocracia, com foco na força e na renovação nacionais. É destacado também que o fenômeno é facilitado por um modo de pensamento que considera as regras gerais necessárias para a coordenação internacional como redundantes, ineficazes ou até prejudiciais. Isso é ilustrado pela ideia de "Desincrustação do Unilateralismo", onde as ordens internacionais que equilibravam o livre comércio, as cadeias globais de valor e os princípios de status quo estão sob ameaça, levando a um cenário de regras fracas e desconfiança nas decisões das instituições internacionais e em outros países (JAMES, 2018).

Para complementar a discussão, o artigo "Waves of Structural Deglobalization: A World-Systems Perspective" de 2023, escrito por Christopher Chase-Dunn, Alexis Alvarez e Yuhao Liao, avança na argumentação pró-desglobalização contemporânea, trazendo a ideia de que a governança global passou por momentos de globalização, platô e desglobalização, muitas vezes causadas por fatores que se repetem na história, caracterizando um sistema de ciclos globais. Sendo os principais a rivalidade "inter imperial", mudanças nas mudanças políticas de comércio e flutuações na conectividade econômica. O artigo destaca a ampla importância do conflito entre China e Estados Unidos para a atual fase de desglobalização. Os esforços desses dois países para reestruturar suas cadeias de suprimentos na tentativa de diminuir a interdependência mútua, causa uma divisão da economia global em duas partes, aumentando a tensão entre atores na política internacional e faz com que tenham que escolher um lado (CHASE-DUNN et al. 2023).

Com essa tensão gerada pela disputa entre as duas grandes economias, os autores comentam sobre o declínio da hegemonia econômica estadunidense e o surgimento de desafiantes semi-periféricos, no qual a potência rebate e derruba por meio de sanções e outros meios de coerção, que por sua vez, contribui para a existência de uma multipolaridade no sistema internacional. Essa mudança na distribuição de poder entre os estados influencia mais uma vez para a desglobalização, que faz com que a desconfiança aumente entre atores da conjuntura global (CHASE-DUNN et al. 2023).

Além disso, os autores realizam uma análise que cita o sociólogo Immanuel Wallerstein, relacionando esse sistema de ciclos globais e tendências como um jogo

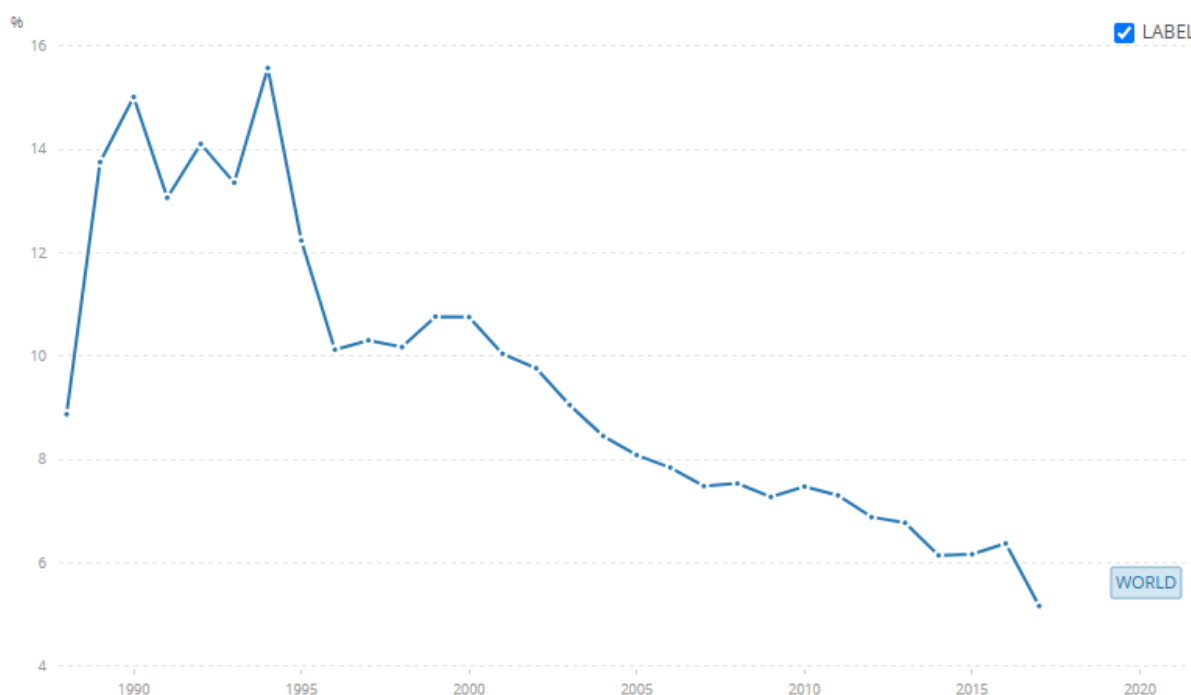
de “musical chairs”, retratando a entrada de novos atores na hegemonia como um exercício de mobilidade ascendente e descendente limitada na hierarquia centro-periférica. Explicando que em momentos nos quais a hegemonia de um país é ameaçada, potências rivais tendem a criar uma instabilidade nos status quo, que faz com que outros atores repensem suas relações econômicas e políticas, sendo a desglobalização um movimento parte dessa desestruturação (CHASE-DUNN et al. 2023).

Já sobre o outro espectro do fenômeno, alguns pensadores argumentam que o mundo nunca esteve tão interconectado como hoje, que a globalização nunca deixou de estar presente e nunca esteve tão forte. Autores pró-globalização como Robert Grosse e Roy C. Nelson argumentam em seu artigo “De-globalization is a Myth” que apesar da alta do nacionalismo e o populismo crescente nas lideranças de países, não existem evidências de que há uma desglobalização econômica, apresentando evidências de que a integração global permanece em ou próximo ao seu pico (GROSSE, 2022).

Os autores assumem que o comércio mundial sofreu uma desaceleração na década de 2010 quando comparado com décadas anteriores, porém não sendo o suficiente para afirmar a narrativa da desglobalização. Além disso, o comércio internacional de serviços tem crescido rapidamente, criando uma nova perspectiva sobre o futuro das relações comerciais internacionais (GROSSE, 2022) .

Outro ponto importante que a pesquisa levantou, é de que, embora tenha tido um grande foco midiático sobre a questão de barreiras tarifárias, as mesmas caíram para níveis historicamente baixos em escala global ao longo das últimas décadas, fazendo com que qualquer aumento não seja algo que afetasse a dinâmica do comércio como um todo, seria necessário muito mais para esse fator se tornar impactante. Eles também mencionam que líderes populistas que defendem políticas econômicas nacionalistas não reduziram significativamente o comércio ou o investimento internacional na prática, não influenciando sobre o movimento que os países sob suas lideranças tomavam perante o fechamento ou abertura de suas relações econômicas (GROSSE, 2022).

Gráfico 1 - Taxa tarifária aplicada, média simples, todos os produtos (%)



Fonte: **World Bank (2021)**

Para complementar essa visão pró-globalização nos dias atuais, o artigo “Globalization Isn’t Dying, It’s Just Evolving” de Shawn Donnan e Lauren Leatherby, publicado em 2019, ressalta pontos importantes para a discussão. É argumentado que a globalização está passando por um processo de evolução, impactada pelas dificuldades iniciais do século XXI como a crise de 2008 e as tensões políticas globais vividas na segunda década, não geraram um grande impacto na maneira de como o comércio global funciona e já está estruturado. O grande ponto da questão é que há uma mudança no que é comercializado entre países, commodities e outros recursos naturais sempre estarão fazendo parte das cadeias globais de valor e sempre serão pontos cruciais na relação de interdependência existente, porém, quando se trata sobre a outra parte, há um deslocamento de produtos e bens materiais para serviços. Trazendo uma ideia semelhante a de Theodore Levitt, de que a tecnologia é um dos principais motores do movimento de aproximação, há uma existente “globalização digital” que não necessita de containers para realizar uma exportação (DONNAN, 2019).

Para complementar, os autores argumentam que as pessoas estão viajando muito mais nos dias de hoje, mais uma vez utilizando do avanço da tecnologia para

embasar a ideia. Os preços de voos estão menores que antigamente, facilitando que as pessoas se desloquem mais, seja para trabalho ou turismo, além de que, essa diminuição no preço permite com que países em desenvolvimento e periféricos possam utilizar esse meio de transporte, algo que não era tão viável décadas atrás. Para terminar, ainda por cima tem a questão de se analisar vídeo chamadas internacionais, sendo elas um instrumento de mensuração para como o mundo está crescentemente mais interconectado e globalizado nos dias de hoje (DONNAN, 2019).

Dessa forma, pode-se concluir de que a análise de fenômenos como globalização e desglobalização é extremamente complexa e aborda diversas camadas, sejam elas econômicas, políticas ou culturais. Vale notar que nessa apresentação sobre o tema foi abordada somente uma pequena margem da discussão, com o intuito de trazer um vislumbre à evolução dos conceitos e como eles se encontram nos estudos contemporâneos.

1.2. Justificativa da Pesquisa

O tema desta pesquisa se justifica pela lacuna existente no campo das ciências sociais e políticas acerca do descolamento entre globalização econômica e globalização política. Embora a literatura sobre globalização seja vasta, poucos estudos se aprofundam na análise de como essas duas dimensões podem seguir trajetórias distintas, ainda que inter-relacionadas, ou mesmo apresentar dinâmicas opostas. Este trabalho busca contribuir para o entendimento dessa dualidade ao investigar de que maneira a globalização econômica e a política se dissociam. Assim, o objetivo central é identificar e analisar as raízes desse descolamento e como ele afeta a estabilidade da ordem internacional, propondo uma tese que sintetize a complexidade das interações entre esses dois fenômenos.

Ao investigar esse descolamento, a pesquisa fornece uma base analítica para discutir a resiliência das instituições globais e as novas possibilidades para alianças estratégicas em um cenário de tensões e fragmentação política. Em um mundo onde a interdependência econômica não garante, nem se relaciona, com a estabilidade política, este estudo identifica os desafios e propõe uma abordagem para que os leitores possam compreender e se adaptar a essa dinâmica global em transformação.

Além disso, a pesquisa incorpora objetivos secundários que complementam essa investigação central. Entre eles, está o de explorar a interação entre a Armadilha de Tucídides e as ondas de desglobalização, destacando como a ascensão de grandes potências pode exacerbar rivalidades políticas que impactam as dinâmicas globais. Também se busca sistematizar as ondas de globalização, oferecendo uma visão histórica e cíclica dos fenômenos e propondo uma estrutura analítica para entender seus padrões e repetições.

Para atingir esses objetivos, a pesquisa adota uma metodologia qualitativa, de caráter exploratório-descritivo. Tal abordagem permite interpretar as interações entre os fenômenos políticos, econômicos e sociais em um cenário internacional em transformação, trazendo contribuições relevantes ao debate acadêmico e político. A pesquisa bibliográfica, por meio da análise de livros, artigos científicos e relatórios de organizações internacionais como o Banco Mundial e o Instituto Federal de Tecnologia de Zurique (ETHZ), é o principal instrumento de coleta de dados. O estudo de casos específicos, como os Estados Unidos e a China, exemplifica as manifestações práticas desse descolamento.

Assim, a análise documental e a triangulação de dados permitem validar as interpretações e consolidar a tese, conectando os argumentos teóricos com evidências concretas.

2. Revisão de literatura

2.1. Evolução dos conceitos de globalização e desglobalização

Conforme exposto na contextualização do tema, a idealização do fenômeno da globalização surgiu a partir da observação crítica dos eventos globais, buscando compreender como eventos internacionais influenciam o sistema vigente. Inicialmente, a globalização foi vista como um fenômeno uniforme e massivo, que englobava todas as esferas da economia, política e social, impulsionado principalmente por avanços tecnológicos (LEVITT, 1983). Contudo, com a evolução do conceito ao longo dos anos, foi possível identificar as causalidades e os resultados específicos do fenômeno, permitindo um entendimento mais detalhado de suas múltiplas facetas.

Nos últimos séculos, tanto a globalização quanto a desglobalização moldaram de forma significativa a política internacional e a economia mundial. No entanto, é apenas nas últimas décadas que o fenômeno passou a ser amplamente estudado e desmembrado em diferentes dimensões. O que antes era visto como um processo único e homogêneo passou a ser analisado através de uma lente mais específica, reconhecendo que cada esfera — política, econômica e social — possui suas próprias dinâmicas e características particulares.

Esse reconhecimento levou estudiosos, como Christopher Chase-Dunn, a argumentarem que a globalização pode ser dividida em três dimensões principais: política, econômica e social. Essas dimensões, embora inter-relacionadas, possuem impactos diversos na dinâmica global, refletindo as complexidades do mundo contemporâneo (CHASE-DUNN, 1999).

A globalização política refere-se à evolução da governança em escala global e ao estabelecimento de redes institucionais e diplomáticas que regulam as interações entre os Estados e outros atores internacionais. Historicamente, essa dimensão tem sido estruturada em torno da influência de potências hegemônicas, que moldam as normas do sistema internacional e garantem, de forma direta ou indireta, a estabilidade da ordem mundial.

Esse processo político envolve a criação e consolidação de instituições internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o Fundo Monetário Internacional (FMI), além da formulação de tratados e acordos multilaterais. Além disso, a globalização política

se manifesta na formação de alianças estratégicas, que podem ter caráter defensivo, comercial ou diplomático, visando harmonizar interesses diversos, muitas vezes conflitantes. Assim, mesmo em um cenário de crescente interdependência econômica, os Estados continuam utilizando instrumentos políticos para defender sua soberania, projetar poder e influenciar os rumos da governança global (CHASE-DUNN, 1999).

Por outro lado, a globalização econômica se refere à crescente integração das economias nacionais em um sistema global de interdependência comercial e produtiva. Esse fenômeno é impulsionado pela liberalização dos mercados, pela expansão das cadeias globais de valor e pelo fluxo contínuo de bens, serviços, capitais e tecnologias através das fronteiras. A interconexão econômica é fortalecida pela atuação de corporações transnacionais, que estruturam redes de produção distribuídas globalmente, promovendo investimentos estrangeiros diretos e aumentando a competitividade dos mercados.

A globalização econômica também se caracteriza pela adoção de políticas de livre comércio, redução de barreiras tarifárias e desregulamentação dos mercados financeiros, fatores que permitem a rápida movimentação de capitais e a diversificação das fontes de insumos e produtos. No entanto, essa integração econômica, apesar de trazer crescimento e eficiência produtiva, também gera desafios, como o aumento das desigualdades econômicas, a vulnerabilidade dos países periféricos e a dependência excessiva de determinados mercados globais (CHASE-DUNN, 1999).

A globalização econômica e política não operam isoladamente, sendo frequentemente interdependentes e até conflitantes. Um exemplo claro disso ocorre quando um país ameaça outro economicamente sem, de fato, aplicar sanções comerciais ou restrições tarifárias. Quando há apenas uma declaração política sobre uma possível pressão econômica sem sua execução prática, isso representa uma ação muito mais política do que econômica, pois o impacto real sobre os mercados pode não ocorrer, mas a percepção de risco pode alterar decisões estratégicas e gerar efeitos indiretos nas relações políticas entre atores. Esse fenômeno se insere na distinção entre ações de jure e de facto:

De jure: Diz respeito às normas, leis e regulamentos formais, como tratados comerciais assinados ou restrições tarifárias oficialmente implementadas.

De facto: Refere-se às práticas concretas que ocorrem na realidade, independentemente do que está estabelecido formalmente.

Se um país anuncia publicamente que vai adotar sanções comerciais contra outro, mas nunca as implementa, essa ameaça tem muito mais um efeito político do que econômico, pois influencia a percepção dos agentes internacionais e pode reorientar decisões diplomáticas e estratégicas sem afetar diretamente os mercados. Por outro lado, quando medidas econômicas reais são aplicadas, como barreiras tarifárias, congelamento de ativos ou embargos comerciais, os impactos deixam de ser apenas simbólicos e passam a gerar consequências materiais.

Essa interação entre política e economia pode escalar e influenciar o curso dos acontecimentos globais. Um caso emblemático é o das guerras comerciais, nas quais embates inicialmente econômicos podem deteriorar relações diplomáticas e evoluir para conflitos geopolíticos reais. A imposição de tarifas retaliatórias entre duas grandes potências, como ocorreu na guerra comercial entre Estados Unidos e China, não se limitou a impactos econômicos diretos, mas fortaleceu discursos nacionalistas, alterou estratégias militares e até incentivou a criação de novos blocos políticos e alianças estratégicas (BOWN, 2020).

Dessa forma, a globalização política e econômica não apenas coexistem, mas se moldam mutuamente. O avanço da interdependência comercial pode levar a mudanças políticas significativas, assim como tensões políticas e disputas geopolíticas podem impactar a dinâmica econômica global.

Já a globalização social e cultural refere-se à disseminação de ideias, valores, normas e práticas culturais além das fronteiras nacionais. Esse processo é frequentemente mediado por organizações internacionais, meios de comunicação e plataformas digitais, que promovem ideologias hegemônicas e padrões culturais globais. A globalização cultural influencia diretamente as identidades locais e nacionais, criando uma dinâmica onde culturas tradicionais podem ser tanto preservadas quanto transformadas em resposta à influência externa. Além disso, essa dimensão cultural da globalização interage profundamente com as esferas política e econômica, refletindo e moldando a ordem global por meio da propagação de ideologias, hábitos de consumo e estilos de vida que transcendem fronteiras geográficas. A globalização cultural, portanto, não apenas promove uma maior

compreensão e apreciação de diferentes culturas, mas também levanta questões sobre a perda de diversidade cultural e a homogeneização das culturas globais (CHASE-DUNN, 1999).

Essas três dimensões da globalização—política, econômica e social—são interdependentes e moldam de maneira complexa o cenário global contemporâneo, criando uma teia intrincada de relações que influenciam tanto as políticas internacionais quanto as economias e as sociedades ao redor do mundo.

Com essa explicação, estudos como o do Instituto Federal de Tecnologia de Zurique (ETHZ) tiveram como intuito aprofundar essas três dimensões do fenômeno, criando e estipulando variáveis para cada um delas, separando-as em de facto, que seriam as práticas efetivas, e de jure, sendo essas as ações teóricas, não colocadas em ação.

Para o recorte da pesquisa, vamos focar somente na Globalização Econômica e Globalização Política.

Tabela 1 - Categorização da Globalização

Globalização Econômica

Categoria	Subcategoria	Descrição	Fonte
Globalização do Comércio, de facto	Comércio de bens	Exportações e importações de bens (% do PIB)	Banco Mundial WDI (2023)
	Comércio de serviços	Exportações e importações de serviços (% do PIB)	Banco Mundial WDI (2023)
	Diversidade de parceiros comerciais	Média do índice de concentração de mercado de Herfindahl-Hirschman para exportações e importações de bens (invertido)	FMI DOTS (2023) e cálculos próprios

Globalização do Comércio, de jure	Regulamentações comerciais	Média de dois subcomponentes: Prevalência de barreiras comerciais não tarifárias e custos de conformidade para importação e exportação	Gwartney et al. (2023)
	Impostos sobre o comércio	Receita proveniente de impostos sobre o comércio internacional como percentagem da receita (invertido)	Banco Mundial WDI (2023)
	Tarifas	Média não ponderada das taxas de tarifa	Gwartney et al. (2023)
	Acordos comerciais	Número de acordos de livre comércio bilaterais e multilaterais	Egger e Larch (2008)
Globalização Financeira, de facto	Investimento estrangeiro direto	Soma dos estoques de ativos e passivos de investimentos diretos estrangeiros (% do PIB)	Lane e Milesi-Ferretti (2018) e FMI IIP (2020)
	Investimento em portfólio	Soma dos estoques de ativos e passivos de investimentos em portfólio de ações internacionais (% do PIB)	Lane e Milesi-Ferretti (2018) e FMI IIP (2020)
	Dívida internacional	Soma dos estoques de dívidas de portfólio internacional, empréstimos bancários internacionais e	Lane e Milesi-Ferretti (2018) e FMI IIP (2020)

		depósitos, tanto de entrada quanto de saída (% do PIB)	
	Reservas internacionais	Inclui moeda estrangeira (excluindo ouro), participações de SDR e posição de reserva no FMI (% do PIB)	Lane e Milesi-Ferretti (2018) e FMI IIP (2020)
	Pagamentos de renda internacional	Soma de rendas de capital e trabalho para nacionais estrangeiros e do exterior (% do PIB)	Banco Mundial WDI (2023)
Globalização Financeira, de jure	Restrições de investimento	Prevalência de propriedade estrangeira e regulamentações para fluxos de capital internacionais	Gwartney et al. (2023)
	Abertura da conta de capital	Índice Chinn-Ito de abertura da conta de capital	Chinn, Ito (2006, 2008)
	Acordos de investimento internacional	Número de Acordos Bilaterais de Investimento (BITs) e Tratados com Provisões de Investimento (TIPs)	UNCTAD (2023)

Fonte: 2023 KOF Globalisation Index - Instituto Federal de Tecnologia de Zurique
 Elaboração Própria 18/06/2024

Globalização Política

Categoria	Subcategoria	Descrição	Fonte
Globalização Política, de facto	Embaixadas	Número absoluto de embaixadas em um país	Europa World Yearbook (vários anos)
	Missões de paz da ONU	Pessoal contribuído para Missões do Conselho de Segurança da ONU (% da população)	Departamento de Operações de Paz da ONU (vários anos)
	ONGs internacionais	Número de organizações não governamentais (ONGs) internacionalmente orientadas operando naquele país	Yearbook of International Organizations (vários anos)
Globalização Política, de jure	Organizações internacionais	Número de organizações intergovernamentais internacionais das quais um país é membro	CIA World Factbook (vários anos)
	Tratados internacionais	Tratados internacionais assinados entre dois ou mais estados e ratificados pelo órgão legislativo mais alto de cada país desde 1945	

Fonte: 2023 KOF Globalisation Index - Instituto Federal de Tecnologia de Zurique

Elaboração Própria 18/06/2024

A globalização econômica pode ser analisada tanto de forma de facto (com base em práticas reais) quanto de jure (com base em leis e regulamentações). No contexto de facto, a globalização do comércio se reflete na intensificação das exportações e importações de bens e serviços como porcentagem do PIB, o que indica o grau de integração de um país no comércio global. Esse indicador é amplamente utilizado pelo Banco Mundial (WDI, 2023) para medir o envolvimento direto dos países na economia global.

Além disso, a diversidade de parceiros comerciais, medida pelo índice de concentração de mercado de Herfindahl-Hirschman para exportações e importações de bens (invertido), mostra quão diversificada é a rede de comércio de um país. Uma baixa concentração sugere um equilíbrio saudável entre diversos parceiros comerciais, o que pode proteger a economia de choques externos (FMI DOTS, 2023).

Na dimensão de jure, a globalização do comércio é medida por regulamentações comerciais e barreiras tarifárias. Este aspecto é capturado por indicadores como a prevalência de barreiras comerciais não tarifárias e os custos de conformidade para importação e exportação, os quais indicam o nível de abertura de uma economia ao comércio internacional (Gwartney et al., 2023). Além disso, os impostos sobre o comércio e as tarifas médias não ponderadas refletem a carga tributária sobre as transações internacionais, que podem afetar significativamente a fluidez e o custo do comércio internacional.

A globalização econômica de facto também se estende à globalização financeira, onde o investimento estrangeiro, o investimento em portfólio, a dívida internacional, as reservas internacionais e os pagamentos de renda internacional são indicadores chave. Estes fatores demonstram o nível de abertura financeira de um país e seu grau de integração no sistema financeiro global. Por exemplo, a soma dos estoques de ativos e passivos de IED como uma porcentagem do PIB fornece uma medida da penetração do capital estrangeiro na economia de um país (Lane e Milesi-Ferretti, 2018; FMI IIP, 2020).

Por outro lado, no âmbito de jure, a globalização financeira é avaliada pela existência de restrições de investimento, pela abertura da conta de capital — medida pelo índice de Chinn-Ito — e pelos acordos de investimento internacional, como os Acordos Bilaterais de Investimento (BITs) e Tratados com Provisões de Investimento (TIPs) (Chinn, Ito, 2006, 2008; UNCTAD, 2023). Esses indicadores

refletem a estrutura legal e regulatória que facilita ou restringe o fluxo de capital internacional, mostrando o grau de liberalização financeira de um país.

No que se refere à globalização política, essa também pode ser observada em termos de facto e de jure. Na categoria de facto, indicadores como o número de embaixadas em um país, a contribuição de pessoal para missões de paz da ONU e a presença de ONGs internacionais refletem o grau de envolvimento direto de um país nas atividades políticas globais e seu compromisso com a governança internacional (Europa World Yearbook, vários anos; Departamento de Operações de Paz da ONU, vários anos; Yearbook of International Organizations, vários anos).

Já a globalização política de jure é medida pela participação em organizações internacionais e pela ratificação de tratados internacionais. O número de organizações intergovernamentais internacionais das quais um país é membro e o número de tratados internacionais assinados e ratificados desde 1945 refletem o comprometimento de um país com a cooperação e a diplomacia internacionais (CIA World Factbook, vários anos).

É importante destacar que o conceito de globalização apresentado não é unidirecional e pode também apontar para processos de desglobalização, dependendo dos valores indicativos das variáveis. Por exemplo, se o nível de integração política de um país, medido pelo número de organizações internacionais das quais é membro ou pelo número de tratados internacionais que assinou e ratificou, apresentar uma tendência negativa, isso sugere que o país está reduzindo seu envolvimento e cooperação com a comunidade internacional. Esse movimento pode indicar uma reversão da globalização política, onde o país adota políticas mais isolacionistas ou protecionistas, refletindo um rumo em direção à desglobalização. Da mesma forma, valores negativos em indicadores econômicos ou financeiros, como uma diminuição nas exportações e importações ou uma redução na abertura do mercado de capitais, podem sinalizar um retrocesso na globalização econômica e financeira. Portanto, ao analisar os níveis de globalização, é essencial considerar que oscilações para baixo em tais indicadores podem representar um movimento em direção à desglobalização, caracterizando um processo de retração da integração global em vez de sua expansão.

Assim, podemos traduzir essas informações para uma imagem para fácil visualização:

Tabela 2 - Globalização, de Facto e de Jure



Fonte: 2023 KOF Globalisation Index - Instituto Federal de Tecnologia de Zurique

Elaboração Própria 28/08/2024

2.2. Perspectivas críticas e debates atuais no campo

O conceito de globalização evoluiu significativamente, ganhando maior profundidade e abrangência. No entanto, o debate atual continua centrado na análise do cenário internacional contemporâneo, com o objetivo de entender se o mundo está se movendo em direção a uma maior integração global ou a um processo de desglobalização, sendo polarizado entre autores que defendem a continuidade e expansão da globalização, e aqueles que apontam para sinais de desglobalização.

Os que defendem a desglobalização argumentam de que o mundo está passando por um período de contração, com as relações internacionais não evoluindo como antes, tendo uma redução na interdependência existente no comércio internacional em conjunto com um crescente nacionalismo, resultando na descredibilização das instituições internacionais e uma desconfiança entre atores na conjuntura global (CHASE-DUNN, 2023).

Por outro lado, há autores que sustentam uma visão de que a globalização, presente na segunda metade do século XX, não deixou de existir e nunca esteve tão forte. A aproximação e expansão das relações comerciais continuam evoluindo, embora estejam passando por algumas alterações em sua forma. Argumenta-se que houve alguns pontos de desaceleração, porém nunca uma inflexão desse crescimento. Os defensores da continuidade da globalização destacam o avanço tecnológico, que tem permitido uma interconexão cada vez maior entre países e regiões, facilitando o comércio e a comunicação transnacional e a existência de uma cadeia global de valor profundamente estabelecida nos atores participantes, dificultando qualquer atividade que diminua a interdependência estrutural (DONNAN, 2019).

Dessa forma, percebe-se um embate direto na tratativa dos dois fenômenos, na qual a justificativa é tentar sobrepor um que retrata melhor a condição atual, sem uma divisão coerente entre os tipos de globalização existentes. Christopher Chase-Dunn é um dos autores que comentam a existência de três tipos de globalização, a econômica, política e social, o mesmo percebe que autores, dependendo de sua origem, tentam justificar a presença do fenômeno somente por uma lente, o que cria por sua vez, uma dissonância combativa entre os diferentes

conceitos que podem não traduzir a realidade fidedigna na contemporaneidade (CHASE-DUNN, 2023).

Como é argumentado no texto de 2018, "The Globalization of Political Processes: The Geographical View" de Atanas Dermendzhiev:

Historiadores o consideram uma fase crucial no desenvolvimento do capitalismo, enquanto cientistas políticos enfatizam sua ligação com a proliferação de organizações democráticas. Economistas, por sua vez, destacam o processo de transnacionalização dos mercados financeiros, e estudiosos culturais conectam a globalização à difusão generalizada da cultura e do estilo de vida ocidental (ocidentalização).

E dessa forma, o debate sobre o fenômeno da globalização só abrange um ótica por vez, sem a possibilidade de considerar a análise multifacetada sobre o assunto. Como é apresentado no artigo conjunto de Dani Rodrik, Adam Posen e Jim O'Neill, "(De)globalization ahead?" de 2022, temos três visões opostas sobre o tema (RODRIK; POSEN; O'NEIL, 2022).

Adam Posen argumenta que a desglobalização é uma verdade, utilizando de argumentos na economia, ele sugere que o mundo está se fragmentando cada vez mais em dois blocos econômicos alinhados em torno dos EUA e da China, o que pode levar potencialmente ao retorno da estagnação secular após um período de inflação elevada (POSEN, 2022).

Já Dani Rodrik afirma que o mundo está desglobalizando desde a Crise Financeira Global, com os países se voltando para dentro à medida que se tornam mais ricos e a economia mundial se regionaliza. Com crises globais podendo aprofundar essas tendências, mas ainda assim, afirma que os altos níveis de integração econômica global e cooperação internacional são grandes estruturas que ainda estarão presentes em nossa conjuntura global, como um impeditivo para que a desglobalização evolua (RODRIK, 2022).

E O'Neill argumenta pró-globalização econômica, aponta que o crescimento do comércio global acelerou acentuadamente em 2021, superando seu nível de tendência pré-crise financeira global. O autor acredita que os desafios atuais na governança global e as tensões entre países como os BRICs e o Ocidente não sinalizam necessariamente o fim do engajamento econômico e do comércio internacional (O'NEILL, 2022).

Com isso, consegue-se analisar de que, cada autor que defende uma ideia, tem diferentes razões por quais acredita nesse movimento, porém todas carregam um embasamento econômico em suas justificativas, o que pode ser considerado por autores como T. V. Paul, cientista política canadense, como somente uma parcela do fenômeno. O autor argumenta em seu artigo "The Specter of Deglobalization" de 2023, que existem diferentes espectros do fenômeno ao analisar as tendências atuais em relação à globalização e nacionalismo. Ele argumenta que, embora haja forças que apontam para a desglobalização, o processo de globalização ainda não se desfez completamente. O autor sugere que existem tendências paralelas em andamento, o que pode resultar em uma nova forma de "globalização truncada" emergindo, mesmo diante da reação contrária em algumas regiões, sendo as razões e consequências econômicas somente uma parcela do efeito (PAUL, 2023).

Dessa forma, cria-se espaço para uma reflexão, talvez os espectros do conceito de globalização coexistem ao mesmo tempo e atuem de forma paralela, o que Paul levanta em seu artigo, é que muito mais forças e variáveis estão em jogo, quando comparado aos anos anteriores. A tecnologia, economia, demografia, geopolítica e cultura são áreas que podem reagir de formas diferentes ao fenômeno da globalização e estarem passando por etapas do processo totalmente distintas e pouco conectadas (PAUL, 2023).

Diante das complexidades analisadas, torna-se claro que a globalização não é um fenômeno unidimensional, mas sim um processo multifacetado que engloba diferentes dimensões econômicas, políticas, sociais e culturais. A dicotomia entre globalização e desglobalização reflete não apenas visões divergentes, mas também a coexistência de múltiplos tipos de interconexões globais. Enquanto alguns argumentam pela prevalência da desglobalização devido a crises econômicas e tensões geopolíticas, outros destacam a contínua intensificação das redes comerciais e tecnológicas transnacionais. É imperativo reconhecer que esses diversos aspectos não operam de maneira isolada, mas estão entrelaçados em um cenário global complexo e interdependente. Assim, o entendimento contemporâneo da globalização deve considerar essa interação dinâmica entre seus diferentes tipos, adaptando-se às transformações contínuas nas esferas econômica, política e social.

3. A Retroalimentação dos Fenômenos - Análise da ascensão e queda de grandes potências

A ascensão de grandes potências e sua relação com o sistema internacional são temas amplamente discutidos por teóricos que buscam entender como as mudanças no poder global moldam a ordem mundial. Um dos principais estudos sobre a ascensão e declínio de hegemonias é o de Paul Kennedy, em *Ascensão e Queda das Grandes Potências* de 1983, é argumentado que as potências globais seguem um ciclo de expansão e retração, em que o crescimento militar e econômico, embora inicialmente fortaleça a posição de uma nação, eventualmente sobrecarrega seus recursos. O esgotamento de uma potência dominante abre espaço para o surgimento de novas potências, criando uma constante reorganização na hierarquia global (KENNEDY, 1983).

Esse ciclo de ascensão e queda é frequentemente acompanhado por rivalidades crescentes entre potências emergentes e estabelecidas, levando a conflitos que definem o futuro da ordem mundial. Graham Allison, em sua análise da armadilha de Tucídides, destaca que quando uma potência emergente ameaça o domínio de uma potência estabelecida, a probabilidade de guerra aumenta significativamente. Ao longo da história, esse padrão tem se repetido em diversas ocasiões, desde as rivalidades entre Esparta e Atenas até a tensão contemporânea entre os Estados Unidos e a China (ALLISON, 2017).

Paralelamente a essa análise da rivalidade entre potências, o sociólogo Christopher Chase-Dunn aborda o conceito de ciclos globais, que reflete como o sistema mundial oscila entre períodos de integração global e retração, ou desglobalização. Ele argumenta que a ascensão de novas potências, além de reorganizar as relações de poder, também influencia os padrões de interação econômica e política globais. Esses ciclos estão diretamente relacionados às crises de hegemonia, nas quais o poder dominante é contestado e novas coalizões surgem para desafiar a ordem estabelecida (CHASE-DUNN et al. 2023).

Assim, podemos fazer a conexão de que momentos de globalização e desglobalização interagem diretamente com a ascensão e queda de grandes potências, segmentando o mundo na definição do tratamento de hegemonias com

os países não centrais, uma hora possibilitando e futuramente dificultando a ascensão de novos atores que possam desafiar a posição hegemônica.

Immanuel Wallerstein, em sua análise do sistema mundial, destaca essa divisão estrutural entre países centrais e periféricos. Em seu artigo "World-Systems Analysis: An Introduction" (2004) é argumentado que as nações centrais acumulam a maior parte dos recursos, enquanto as periféricas enfrentam desvantagens econômicas persistentes (WALLERSTEIN, 2004).

Essa disparidade é estrategicamente mantida pelas potências hegemônicas, que, no primeiro momento, ao buscarem reduzir os custos de suas cadeias globais de valor e aumentar a integração econômica global, promovem a globalização e conseqüentemente uma interdependência econômica com os países emergentes. No entanto, essa interdependência ao longo do tempo torna-se uma espada de dois gumes, podendo debilitar setores estratégicos para o crescimento do ator central com a dependência vinculada aos insumos de países periféricos (WALLERSTEIN, 2004).

Para manter o controle sobre essa dinâmica, as hegemonias, ao mesmo tempo que integram as economias periféricas em suas cadeias globais de valor, impõem barreiras como sanções econômicas, tarifas e outras formas de restrição, dificultando o desenvolvimento autônomo dos países emergentes. Isso cria uma dualidade: a interdependência necessária para sustentar o sistema global é acompanhada pela resistência das potências centrais em permitir que esses países avancem a ponto de se tornarem concorrentes diretos. O afastamento e os obstáculos impostos ao crescimento servem para consolidar o domínio das hegemonias, numa tentativa de perpetuar a desigualdade estrutural que caracteriza o sistema mundial. Esse esforço para conter o avanço dos emergentes gera, inevitavelmente, disrupções no sistema globalizado, alimentando tensões e atritos que podem, em última análise, desestabilizar a globalização construída e alimentada pela hegemonia (WALLERSTEIN, 2004).

Porém, quando um ator periférico consegue prosperar apesar das desvantagens impostas pelo sistema, isso indica que o ciclo de desglobalização está em andamento. Nesse momento, a distância entre o emergente e as potências centrais tende a aumentar, intensificando a rivalidade e potencialmente levando à chamada armadilha de Tucídides, onde o confronto entre uma potência emergente e uma hegemonia dominante se torna quase inevitável.

O ciclo de desglobalização, ao se manifestar, reflete uma reorganização sistêmica em que os atores emergentes, antes subjugados pelas barreiras impostas pelas potências centrais, começam a desenvolver mecanismos para romper essa dependência estrutural. Esse movimento de afastamento e autonomia leva a uma maior fragmentação nas relações globais, com as potências centrais reagindo de maneira defensiva, intensificando as políticas de restrição e controle econômico. No entanto, essa reação só acentua as divisões no sistema internacional, criando novas zonas de conflito e áreas de influência onde a competição por poder é mais acirrada. A desglobalização não é um processo homogêneo, mas sim caracterizado por fases de retração econômica e política, nas quais a ordem internacional é desafiada pelas pressões de atores que buscam ascender na hierarquia global.

Esse processo de transição é inevitavelmente acompanhado por uma crescente tensão nas relações internacionais, conforme descrito por Allison em sua teoria da armadilha de Tucídides. Quando uma potência emergente começa a adquirir força e se aproxima do status de uma potência estabelecida, o medo e a desconfiança resultam em um aumento da hostilidade. A hegemonia dominante, que antes facilitava a globalização como meio de solidificar seu controle, agora vê sua posição ameaçada e reage com políticas agressivas, seja por meio de alianças estratégicas, sanções, ou mesmo intervenções militares. A história mostra que esse tipo de dinâmica raramente termina de maneira pacífica. Então, a rivalidade entre potências coloca em risco o equilíbrio global, aumentando a probabilidade de conflitos que podem redefinir o cenário internacional.

À medida que esses ciclos se repetem, observamos que a globalização e a desglobalização não são apenas processos econômicos, mas também profundamente políticos. A ascensão de novas potências altera a maneira como os recursos globais são distribuídos e redistribuídos, levando a uma realocação de influência e controle. No entanto, o sucesso de potências emergentes não é apenas uma questão de crescimento econômico, mas também de sua capacidade de navegar nas complexas dinâmicas geopolíticas que definem os ciclos de hegemonia. A desglobalização, portanto, pode ser vista não apenas como um período de retração econômica, mas como um momento crítico de redefinição do poder global.

O desafio imposto pelas potências emergentes reflete uma tentativa de redistribuir essa hierarquia, mas as barreiras políticas e econômicas impostas pelas

hegemonias tornam esse processo lento e marcado por tensões. Assim, o ciclo de ascensão e queda de grandes potências, conforme descrito por Paul Kennedy, continua a ser uma constante no cenário internacional, acompanhado respectivamente por períodos de globalização, platô e desglobalização, podendo ser exemplificado pela tabela criada por Christopher Chase-Dunn em sua obra *Waves of Structural Deglobalization: A World-Systems Perspective*:

Tabela 3 - Ondas de Globalização

Period	Start	End	Ups	Downs	Length (Years)
Plateau 1	?	1848			?
Glob 1	1849	1878			29
Deglob 1	1879	1901			22
Glob 2	1902	1920		Big 1913	18
Deglob 2	1921	1944	22, 34, 44		23
Glob 3	1945	1980		62, 78	35
Plateau 2	1981	1993		85	12
Glob 4	1994	2008		92	14
Plateau 3 or Deglob 3? *	2009	?			?

Note: * The question marks in Table 1 indicate uncertainty regarding the nature, end point and length of the period since 2009.

Fonte: CHASE-DUNN, Christopher; ÁLVAREZ, Alexis; LIAO, Yuhao (2023)

Dessa forma, com as variáveis da ascensão e queda de grandes potências mapeadas e o estabelecimento da lógica dos ciclos globais, é possível compreender que os fenômenos de globalização e desglobalização se retroalimentam a partir da seguinte lógica:

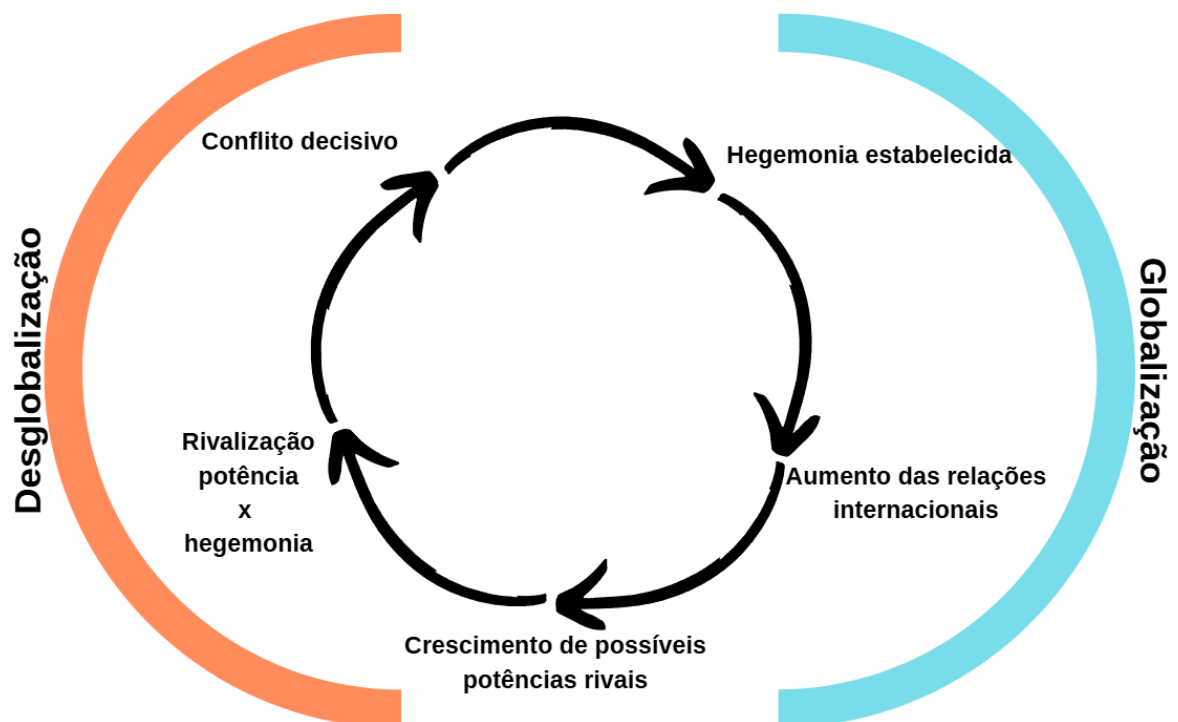
Na construção de uma hegemonia, a nação busca expandir sua influência e aumentar seu poder, adotando estratégias econômicas e políticas que favoreçam sua posição no cenário global. Isso inclui desde a redução de custos nas cadeias de produção para maximizar a rentabilidade, até a formação de novas alianças com atores internacionais, o que estimula a globalização. A globalização, ao conectar mercados e fortalecer laços entre economias, acelera o crescimento mundial e possibilita o surgimento de novos países como atores relevantes. Esses países, uma vez fortalecidos, podem se tornar potenciais ameaças ao poder da nação ou grupo hegemônico.

Essa ascensão de novas potências gera tensões no sistema internacional, reduzindo a confiança nas relações entre as nações e expondo as vulnerabilidades

da interdependência criada pela globalização. Para enfrentar essas ameaças e corrigir as falhas setoriais geradas pela dependência mútua, o país hegemônico adota medidas que impulsionam a desglobalização, buscando proteger seus interesses e preservar sua liderança global.

E com a Armadilha de Tucídides, o ciclo recomeça, pois a disputa entre a hegemonia dominante e a potência rival frequentemente culmina em conflito, no qual apenas um ator emerge vitorioso. Após a vitória, a nova potência hegemônica busca consolidar sua posição global, reestruturando as alianças internacionais e remodelando a ordem econômica e política mundial para sustentar seu domínio. A reconstrução das cadeias de poder e influência global abre caminho para uma nova fase de globalização, reiniciando o ciclo à medida que a hegemonia procura expandir seu controle e reforçar sua liderança, enquanto novas potências emergem para desafiar essa posição no futuro. Dessa forma podemos ilustrar esse ciclo da seguinte maneira:

Figura 1 - Ciclos de Globalização



Fonte: CHASE-DUNN, Christopher (2023); ALLISON, Graham (2017); KENNEDY, Paul (1987); WALLERSTEIN, Immanuel (2004)

Elaboração Própria 03/12/2024

Ao analisar a conjuntura internacional atual, podemos observar a teoria em prática, especialmente no conflito entre China e Estados Unidos. Vemos essa interação de rivalidade entre grandes potências, na qual a China, uma potência emergente, desafia a hegemonia estadunidense. Por meio da lente teórica previamente explicada, torna-se possível entender as ações de ambos os atores e suas repercussões globais. Medidas como sanções econômicas – exemplificadas pelas restrições em torno de microchips – e o apoio a aliados em conflitos armados indiretos, as chamadas “proxy wars”, revelam uma disputa pelo controle do status quo. Essas estratégias buscam enfraquecer o rival e reforçar a influência geopolítica, intensificando a tensão entre os competidores pela posição hegemônica. Em um movimento cíclico, essas ações promovem a desglobalização, afetando as dinâmicas econômicas e políticas que sustentam o equilíbrio de poder global.

Esse fenômeno, em que a ascensão de novas potências desafia o status quo, está alinhado com a perspectiva de Paul Kennedy sobre o "esgotamento imperial" nas grandes potências. Em *Ascensão e Queda das Grandes Potências*, Kennedy argumenta que a sobrecarga econômica e militar de uma hegemonia gera, ao longo do tempo, uma "sobrecapacidade imperial" que mina suas capacidades de controle, especialmente quando rivais emergentes começam a exigir maiores fatias do poder global. O confronto entre Estados Unidos e China ilustra bem essa tese, visto que os EUA enfrentam desafios para manter sua supremacia enquanto o peso econômico e geopolítico chinês cresce em várias esferas, como no comércio, nas tecnologias avançadas e nas iniciativas de infraestrutura global, como a Nova Rota da Seda.

Nesse contexto, os ciclos de globalização e desglobalização são processos dinâmicos que refletem a competição constante pela hegemonia. Quando uma potência em ascensão como a China desafia a estrutura estabelecida, a hegemonia tende a reagir com medidas protecionistas e de contenção, como temos visto no bloqueio de tecnologias-chave, para reduzir a dependência dos rivais. Esse tipo de comportamento é evidente em setores como a tecnologia de semicondutores, na qual os EUA restringem o acesso da China a microchips avançados, fundamentais para o desenvolvimento tecnológico e militar. Essa estratégia se alinha com a perspectiva de desglobalização e ressalta a tentativa do país hegemônico de limitar

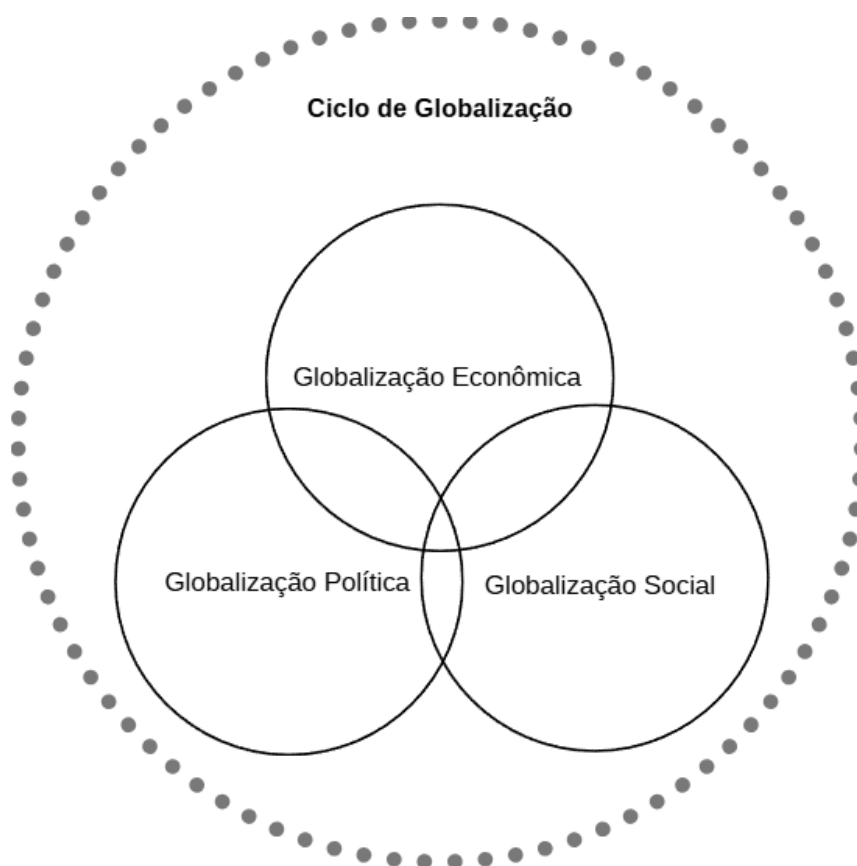
a autonomia da potência rival, intensificando uma divisão estrutural e desincentivando a interdependência econômica global.

Por fim, a ascensão de novas potências e a subsequente reação das hegemônias apontam para uma ciclicidade inevitável na política global. Inspirado pela "Armadilha de Tucídides", como apontado por Graham Allison, esse processo sugere que o conflito é uma consequência quase inevitável das rivalidades pelo poder. Embora o conflito direto nem sempre ocorra, a escalada de tensões e a intensificação da competição geopolítica são indícios de uma ordem mundial em transformação. Isso abre caminho para um novo ciclo de ascensão e queda, no qual a hegemonia consolidada será inevitavelmente desafiada por outras potências, perpetuando o ciclo de disputas e reconstruções da ordem global.

4. Descolamento Político do Econômico

4.1. Justificativas para o Descolamento

Figura 2 - Segmentando o Fenômeno



Fonte: **CHASE-DUNN, Christopher (2023); ALLISON, Graham (2017); KENNEDY, Paul (1987); WALLERSTEIN, Immanuel (2004)**

Elaboração Própria 03/12/2024

A globalização política e a globalização econômica são dois fenômenos inter-relacionados, mas distintos em suas dinâmicas e impactos. A globalização econômica refere-se à crescente integração dos mercados, impulsionada pela liberalização do comércio, investimentos internacionais e avanços tecnológicos. Esse processo intensificou a interdependência entre países, permitindo a formação de cadeias globais de valor e a circulação de bens, serviços e capitais em uma escala sem precedentes. A digitalização e a inovação nas telecomunicações

também desempenharam um papel crucial ao facilitar o fluxo de informações e transações financeiras em tempo real (RODRIK, 2011).

Por outro lado, a globalização política diz respeito à ampliação da cooperação e da governança internacional, baseada na criação de instituições multilaterais, tratados e alianças estratégicas entre Estados. Organizações como a ONU, a OMC e o FMI surgiram para regular e mediar questões globais, promovendo regras comuns que buscam garantir estabilidade e coordenação entre os países. Além disso, a globalização política envolve a disseminação de valores democráticos, direitos humanos e normas internacionais que moldam a diplomacia e as relações entre nações. No entanto, ao contrário da economia, essa esfera é frequentemente afetada por tensões geopolíticas e conflitos de interesses nacionais (RODRIK, 2011).

Ao abordar o tema do descolamento político do econômico, exploraremos como novas formas de globalização têm moldado a dinâmica internacional de maneiras que se distanciam do modelo tradicionalmente integrado. O conceito de globalização, inicialmente visto como um fenômeno homogêneo que entrelaça as esferas política, econômica e social, agora revela suas particularidades e as consequências do desencontro entre elas. Enquanto a globalização econômica avança por meio de cadeias globais de valor e interdependências comerciais, a globalização política experimenta um movimento de fragmentação e reconfiguração de alianças, refletindo um cenário em que o alinhamento entre interesses econômicos e políticos nem sempre é garantido. Neste capítulo, examinaremos como esse descolamento entre globalização política e econômica gera novos desafios e oportunidades, impactando as relações entre estados e influenciando profundamente o sistema internacional.

Ao considerarmos o fenômeno como individual para cada área, ou seja, uma globalização econômica e outra política, como explicado previamente por Christopher Chase-Dunn, nos possibilita de alçar a discussão de maneira mais específica e independente, nos dando a capacidade de compreensão de que, a globalização não é necessariamente uníssona e que seu movimento não precisa necessariamente ser de mão única e generalista, mas um sistema fluído de mão dupla.

Isso significa que, ao mesmo tempo em que o mundo se encontra em uma globalização econômica, também pode se encontrar em uma desglobalização

política, ou vice-versa. Essa análise nos permite visualizar, de maneira mais prática, as consequências e interações específicas do fenômeno em cada área.

Porém, pode-se afirmar que a individualização das esferas da globalização é um fenômeno recente, intrinsecamente ligado à política internacional contemporânea. Como analisado por Shawn Donnan e Lauren Leatherby em “Globalization Isn’t Dying, It’s Just Evolving” de 2019, mudanças e avanços tecnológicos das últimas décadas fizeram com que o comércio internacional tomasse uma nova forma, na qual a globalização se adapta a um novo tipo de comércio, voltado principalmente para serviços e produtos digitais. Donnan e Leatherby destacam que, enquanto o comércio de bens materiais depende de infraestrutura física, como contêineres e portos, a “globalização digital” dos serviços permite uma conexão direta entre países.

Essa nova forma de globalização econômica, voltada para serviços digitais, facilita uma conexão que se afasta das restrições físicas e, em muitos aspectos, das limitações impostas pelas políticas nacionais. Pela ausência de dependências logísticas e fronteiras físicas, os serviços digitais ultrapassam barreiras convencionais, permitindo que empresas multinacionais operem e prosperem em um espaço onde as fronteiras políticas têm impacto limitado.

As grandes corporações — muitas delas com valores de mercado superiores ao PIB de vários países -- atuam em um contexto multinacional. Essas empresas operam com estruturas que frequentemente escapam ao controle regulatório de uma única nação, consolidando-se como atores importantes na dinâmica global. Elas promovem uma interconectividade econômica que transcende fronteiras e interesses locais, priorizando suas redes globais e impactando diretamente as dinâmicas internacionais. Dessa forma, a globalização, impulsionada por esses “players multinacionais,” se torna um sistema que prospera mesmo em face de restrições políticas impostas pelos estados, consolidando-se como uma força essencial na equação do fenômeno. Como argumentam Donnan e Leatherby, a globalização econômica, especialmente na dimensão digital, não apenas persiste, mas continua em plena expansão, reafirmando-se como um fenômeno em crescimento constante.

Já na esfera política da globalização, a situação é marcadamente diferente, com um movimento de retração ou desglobalização. Enquanto o fluxo econômico se fortalece e se diversifica, as relações políticas internacionais demonstram fragilidade

crescente, impulsionada tanto por disputas de poder quanto por tensões geopolíticas. A questão da segurança nacional, por exemplo, muitas vezes tem prevalecido sobre a cooperação global, levando os países a adotarem políticas protecionistas e restritivas em vez de promoverem uma integração política ampla.

Esse fenômeno é especialmente evidente na competição entre grandes potências, como Estados Unidos e China, que vêm promovendo blocos de alianças concorrentes. Embora esse processo possa parecer, em um primeiro momento, um movimento de globalização política, na prática, ele reflete uma disrupção que fragmenta ainda mais o cenário internacional. Ao invés de fomentar um sistema multipolar que incentive uma cooperação ampla e diversificada, a formação de blocos liderados por essas potências tende a reforçar uma nova bipolaridade, na qual as relações internacionais se polarizam em torno de duas esferas de influência rivais.

Além das questões geopolíticas e da fragmentação das alianças, a política de imigração é um dos fatores mais evidentes do processo de desglobalização política. Muitos países, especialmente aqueles em desenvolvimento e algumas potências ocidentais, têm adotado políticas migratórias cada vez mais restritivas, refletindo uma postura de fechamento de fronteiras e controle rígido sobre a entrada de pessoas. Esse movimento se opõe diretamente ao ideal de um mundo interconectado e acessível, onde as trocas de cultura e mão de obra fluiriam com liberdade. Em vez disso, vemos um aumento das barreiras para refugiados e imigrantes econômicos, mesmo em países historicamente receptivos, motivado por questões de segurança nacional, pressão econômica e tensões culturais.

Essa tendência de restrição à imigração indica uma desglobalização política, na qual os estados priorizam sua segurança e identidade nacional sobre a integração global. O contraste com a globalização econômica, que facilita a mobilidade de capitais e produtos, é notável: enquanto bens e serviços circulam com maior facilidade, as políticas migratórias impõem limites cada vez mais rígidos à mobilidade das pessoas. Esse fenômeno acentua a dissociação entre a esfera econômica, onde a globalização persiste e se intensifica, e a esfera política, que se retrai e adota uma postura mais protecionista. Esse paradoxo reforça o descolamento entre as duas dimensões, criando um sistema global onde a economia prospera em um cenário de interconexão, enquanto a política caminha na direção oposta, fomentando barreiras e divisões.

Um aspecto crucial da desglobalização política é a distinção entre as ações de jure e de facto nas políticas internacionais. Em um contexto de globalização, a postura oficial de um país — suas declarações e compromissos formais em tratados e acordos multilaterais — nem sempre reflete suas ações práticas. Essa divergência entre o discurso e a prática permite que estados projetem uma imagem de cooperação global enquanto, de facto, adotam políticas internas e externas que podem minar essa mesma cooperação. Por exemplo, um país pode assinar acordos de livre comércio e apoiar publicamente a integração econômica, enquanto simultaneamente implementa políticas protecionistas ou adota regulamentações que dificultam a entrada de produtos e serviços estrangeiros.

Essa dualidade reforça a fragmentação da globalização política, pois, embora as instituições internacionais existam para facilitar a cooperação, elas frequentemente são desafiadas por ações unilaterais que refletem os interesses nacionais. Ao mesmo tempo em que assinam compromissos de direitos humanos ou acordos ambientais, muitos países buscam maneiras de contornar ou flexibilizar essas obrigações, priorizando a segurança nacional ou interesses econômicos imediatos. Esse contraste entre o que é proclamado de jure e o que é implementado de facto contribui para a desglobalização, evidenciando uma falta de alinhamento e consistência que torna a esfera política cada vez mais instável e fragmentada.

4.2. Impactos do descolamento político do econômico

Cada vez mais, as relações internacionais contemporâneas evidenciam um descolamento entre os fenômenos políticos e econômicos da globalização. Isso se reflete, por exemplo, nas políticas restritivas de imigração adotadas por países que enfrentam crises de mão de obra e desaceleração econômica. Esse paradoxo é particularmente visível em países da União Europeia, onde o déficit demográfico, aliado ao envelhecimento populacional, traz sérios desafios econômicos. Embora a entrada de imigrantes seja uma possível solução para revitalizar a força de trabalho e sustentar o crescimento econômico, diversas nações ainda preferem impor barreiras à imigração, priorizando a preservação de identidades culturais, políticas e sociais.

Como comenta o relatório do Banco Mundial “Migrantes, Refugiado e Sociedades” de 2023, países da União Europeia e outros pelo mundo que se

encontram em déficit demográfico, ou seja, uma taxa de natalidade menor que 2.1, que faz com que a população no longo termo diminua, acarretando em um grande problema para suas economias, principalmente pela questão do envelhecimento populacional e a diminuição da população economicamente ativa, que dificulta o pagamento de aposentadoria e, de forma geral, o crescimento do PIB como um todo. Essa questão tem como uma possível solução, a entrada de imigrantes para fortalecer a economia e alargar as partes inferiores da pirâmide demográfica, dando um suspiro para o país (WORLD BANK, 2023).

A problemática reside no fato de que países que se encontram nessa delicada situação ainda preferem negar ou dificultar a entrada de imigrantes em seus territórios, visando a manutenção e prevalecimento do seu povo, sua cultura ou religião. Esses fechamentos podem agravar as dificuldades econômicas e sociais, especialmente à medida que a população envelhece e a força de trabalho diminui. Além disso, as mudanças climáticas e os conflitos continuam a expulsar um grande número de pessoas de seus países de origem, aumentando as pressões migratórias. O artigo levanta que independentemente do posicionamento político, os países com déficit demográfico precisarão de trabalhadores estrangeiros para sustentar suas economias e honrar seus compromissos sociais com os cidadãos mais idosos (WORLD BANK, 2023).

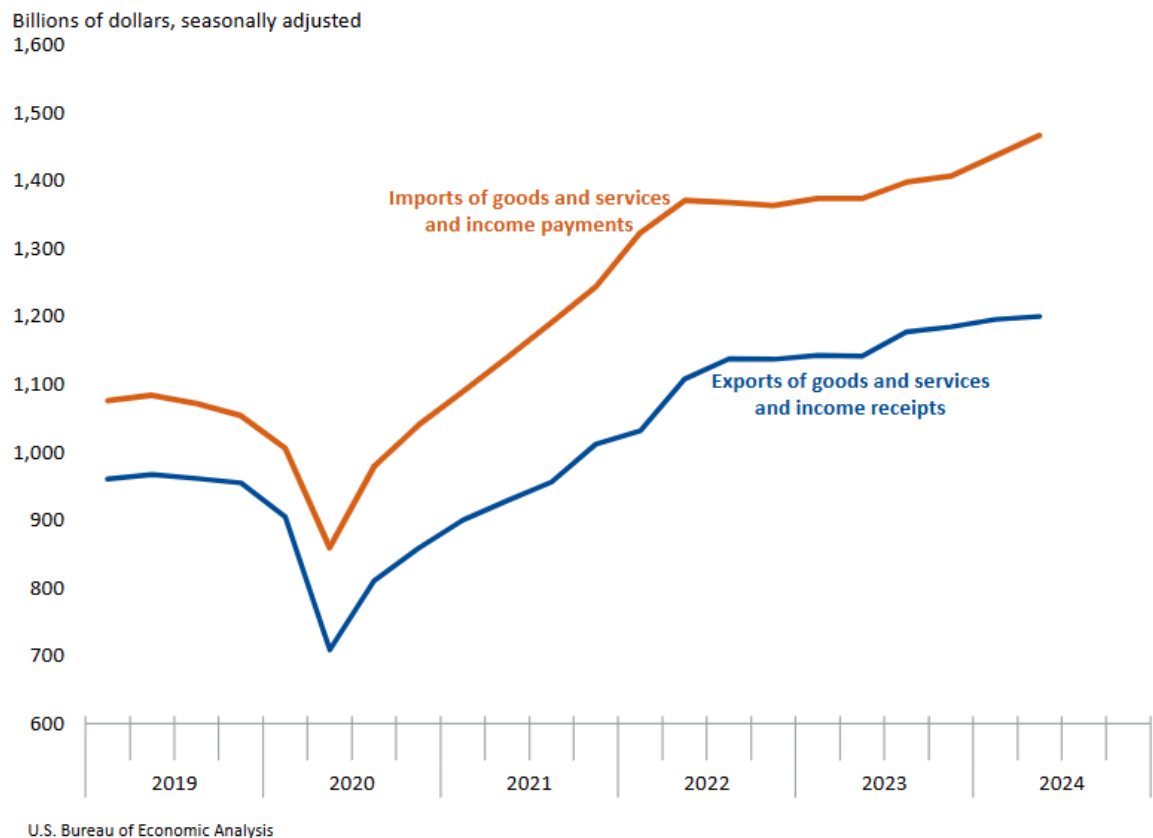
Como ilustra o relatório, países como a Itália exemplificam as dramáticas mudanças demográficas e suas consequências. A Itália, com 59 milhões de habitantes, enfrenta uma projeção de queda populacional quase pela metade até 2100, chegando a 32 milhões. Além disso, a proporção de italianos com mais de 65 anos deve aumentar de 24% para 38% da população. Esse envelhecimento populacional exacerba os desafios econômicos, tornando crucial a entrada de imigrantes para manter a força de trabalho e apoiar a economia (WORLD BANK, 2023).

Porém, a Itália, com o governo de Giorgia Meloni, do partido Irmãos da Itália, sendo de ideologia conservadora e ultra nacionalista, implementa medidas para dificultar a entrada de imigrantes, como o aumento do prazo de detenção de imigrantes ilegais de três meses para até 18 meses, além de promessas como a de estabelecer um “bloqueio naval” para barrar a entrada de imigrantes pela rota marítima (NESE, 2022).

Dessa forma, observa-se uma lacuna na explicação desse fenômeno, especialmente quando consideramos países que são altamente dependentes da globalização para sua sobrevivência econômica e populacional (taxa de natalidade). Esses países, que frequentemente utilizam a imigração para expandir sua força de trabalho e estimular a economia, podem paradoxalmente optar por adotar medidas de desglobalização, como o fechamento de suas fronteiras e a promoção de políticas isolacionistas. Essa escolha revela um cenário em que o impacto da globalização política, representado pela recepção de imigrantes, pode ser considerado mais significativo do que as consequências econômicas potenciais de uma postura mais fechada. Assim, a análise sugere que, para alguns países, a gestão da imigração e suas implicações políticas e sociais podem sobrepujar os benefícios econômicos diretos da integração global, ilustrando o descolamento dos fenômenos da globalização.

Esse descolamento também é evidente nas relações atuais dos Estados Unidos. Embora o país adote um discurso político cada vez mais voltado ao isolacionismo geográfico – intensificado pela vitória de Trump nas eleições de 2024 –, a realidade prática é marcada por uma forte interdependência econômica. Mesmo com políticas que trazem um tom de autossuficiência, a estabilidade das relações bilaterais e do comércio exterior dos EUA é sustentada por sua profunda integração com outras economias. Como o gráfico abaixo ilustra, as exportações e importações dos Estados Unidos vêm aumentando ao longo dos anos, destacando o distanciamento entre a retórica política e a realidade econômica do país (BEA, 2024).

Gráfico 2 - Importação e Exportação EUA 2024



Fonte: **U.S Bureau of Economic Analysis (2024)**

Apesar do crescimento constante nas exportações e importações, o cenário político nos Estados Unidos sinaliza uma retórica que parece desconectar-se desta realidade econômica. O discurso político recente, reforçado por lideranças como a de Trump, privilegia uma postura de "América Primeiro", buscando proteger setores industriais e incentivar a produção nacional. Esse posicionamento, embora popular e voltado à preservação de empregos internos, entra em conflito com a estrutura econômica interconectada dos EUA, onde cadeias globais de valor e acordos comerciais são fundamentais para a competitividade do país.

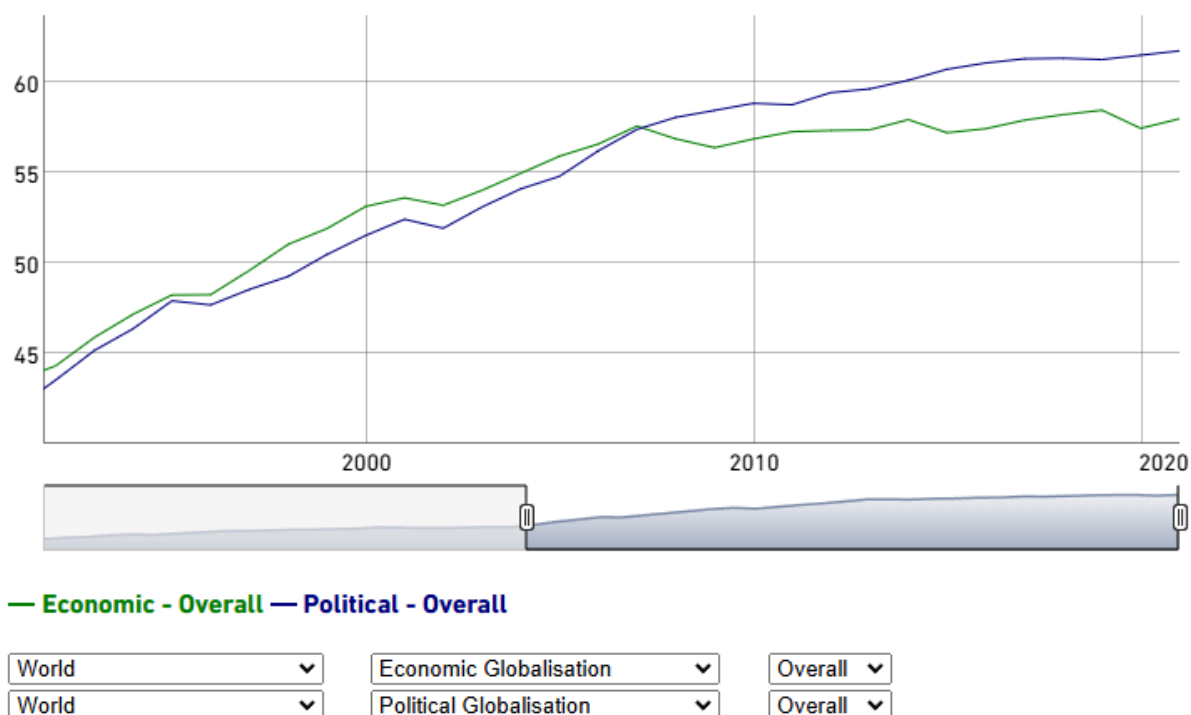
Essa discrepância entre discurso e realidade gera tensões nas políticas de comércio exterior e na diplomacia econômica. Embora medidas protecionistas sejam frequentemente propostas, a interdependência entre os EUA e seus parceiros comerciais torna inviável uma política de total autossuficiência. Assim, os Estados Unidos acabam por negociar uma posição ambígua: enquanto defendem uma postura de isolacionismo e protecionismo, a necessidade de manter acordos e relações comerciais estratégicas acaba prevalecendo. Essa dualidade reflete um

descolamento entre a esfera política e a econômica, onde a busca por autonomia se choca com a dependência de importações estratégicas e o interesse em manter o acesso aos mercados globais.

Essa contradição revela as limitações de uma política isolacionista no contexto globalizado atual, em que as economias dependem tanto da circulação de bens quanto da cooperação internacional para enfrentar desafios comuns.

Dessa maneira, podemos observar que esse distanciamento entre as dimensões econômica e política da globalização é recente e se manifesta de forma ampla e global, como confirmado pelo gráfico acima, gerado a partir do estudo "KOF Globalisation Index" de 2023, do Instituto Federal de Tecnologia de Zurique (ETHZ). Esse índice mede a globalização em várias dimensões, e os dados indicam uma disparidade crescente entre a globalização econômica (em verde) e a globalização política (em azul) nas últimas décadas. Enquanto a integração econômica continua avançando, impulsionada pelo comércio e pelas cadeias globais de valor, a globalização política parece enfrentar um ritmo mais lento, especialmente a partir da última década. Essa diferença reflete o aumento de políticas nacionalistas e isolacionistas, que priorizam interesses domésticos em detrimento da cooperação internacional.

Gráfico 3 - Globalização Econômica e Globalização Política



Fonte: **KOF Globalisation Index - Instituto Federal de Tecnologia de Zurique (2023)**

Esse descolamento reforça a ideia de que, apesar do cenário econômico estar cada vez mais interconectado, as esferas políticas adotam posturas que desafiam essa integração. Com países estabelecendo novas barreiras diplomáticas e políticas, o fenômeno aponta para uma globalização assimétrica, em que os vínculos econômicos se fortalecem enquanto as alianças e cooperações políticas se enfraquecem. Esse contraste representa um desafio para a estabilidade e governança global, pois sugere que a economia pode continuar integrada, globalização, enquanto a política se torna cada vez mais fragmentada, desglobalização.

5. Estudo de Caso - Globalização Econômica

A presente seção tem como objetivo investigar a evolução das relações comerciais e econômicas entre países selecionados, analisando os impactos da globalização econômica e da desglobalização política no comércio internacional. A partir de dados quantitativos, busca-se observar tendências de crescimento do comércio global, mudanças nos padrões de exportação e importação e os efeitos de eventos geopolíticos na interdependência econômica.

O recorte temporal de 1996 a 2022, com ênfase em 2008 e 2018, foi escolhido por representar um período de intensificação da globalização econômica, seguido por inflexões que reconfiguraram as relações internacionais. Held et al. (1999) argumentam que a globalização moderna se consolidou no final do século XX, impulsionada pela liberalização comercial e avanços tecnológicos. No entanto, como apontam Stiglitz (2002) e Rodrik (2011), crises econômicas podem gerar ajustes nesse processo, sendo a crise de 2008 um ponto de inflexão que redefiniu o modelo econômico global. Além disso, Allison (2017) destaca que 2018 marcou uma nova fase de disputas comerciais entre China e Estados Unidos, acelerando um movimento de fragmentação política e econômica. Assim, 2022 foi adotado como limite do recorte por representar a consolidação dessas tendências.

A análise quantitativa apresentada a seguir busca evidenciar esse fenômeno, demonstrando como o avanço da interdependência econômica convive com um ambiente político internacional cada vez mais instável e fragmentado.

5.1. Metodologia Aplicada

O estudo de caso tem como objetivo analisar a dinâmica das relações econômicas e políticas entre diferentes regiões do mundo no período de 1996 a 2022, com foco na interação entre as grandes potências, China e Estados Unidos, e os países que desempenham papéis estratégicos na economia global. A seleção dos países foi guiada por critérios metodológicos baseados nos padrões de adesão

da OCDE e do G20, garantindo uma abordagem que equilibre fatores como desenvolvimento econômico, estabilidade institucional e relevância geopolítica.

O estudo baseia-se em dados disponíveis até o ano de 2022, limite temporal adotado em virtude da defasagem na publicação de estatísticas econômicas internacionais padronizadas. Fontes como o Atlas of Economic Complexity (Harvard), o Banco Mundial e o FMI apresentam maior consistência histórica até este ponto, o que assegura a comparabilidade entre os períodos analisados (1996, 2008, 2018 e 2022). Ainda que eventos relevantes tenham ocorrido após 2022, como a intensificação das disputas tecnológicas entre China e Estados Unidos e novas configurações geopolíticas, optou-se por não incluí-los de forma sistemática devido à ausência de dados consolidados. Portanto, os resultados e inferências aqui apresentados devem ser compreendidos à luz desse recorte metodológico.

A escolha da abordagem metodológica fundamenta-se no referencial clássico do estudo de caso enquanto instrumento eficaz para a investigação de fenômenos complexos e interdependentes. Robert K. Yin (2001), defende que o estudo de caso é especialmente adequado quando se busca compreender fenômenos contemporâneos dentro de seus contextos reais — sobretudo quando as fronteiras entre fenômeno e contexto são tênues. Yin destaca que o estudo de caso é particularmente útil para responder a perguntas do tipo “como” e “por que”, permitindo explorar causalidades múltiplas, o que é essencial quando se trata de relações entre globalização econômica e desglobalização política. Ao estruturar a pesquisa sobre um fenômeno global em transformação, esta metodologia oferece flexibilidade para incorporar múltiplas fontes de evidência, aliando análise empírica com interpretação contextualizada (YIN, 2001).

Além disso, a obra *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais*, de Claire Selltiz e colaboradores (1974), reforça a adequação do estudo de caso quando se pretende investigar eventos dinâmicos, com múltiplas variáveis interagindo simultaneamente. Os autores argumentam que a descrição intensiva e detalhada de casos específicos permite captar relações entre variáveis políticas, econômicas e sociais que seriam diluídas em abordagens mais generalizantes. Para Selltiz, esse tipo de delineamento é particularmente valioso para a formulação de hipóteses robustas, além de favorecer o entendimento das dinâmicas institucionais, comportamentais e conjunturais. A aplicação desse referencial nesta pesquisa permite capturar, com a devida densidade, as interações entre países, blocos

econômicos e estruturas de governança que definem a arquitetura da ordem global (SELLTIZ, 1974).

A seleção da OCDE como um dos critérios de seleção fundamenta-se em seu papel como referência internacional em boas práticas de governança, estabilidade macroeconômica e inserção regulada na economia global. Fundada em 1961, a OCDE reúne atualmente 38 países membros, sendo considerada uma das principais instituições multilaterais no monitoramento de políticas públicas, indicadores de desenvolvimento e integração econômica (OCDE, 2023). Segundo David Held, o pertencimento à OCDE está frequentemente associado a um grau avançado de institucionalização econômica e à adesão a normas que regulam o comércio internacional, os investimentos e a cooperação financeira. Nesse sentido, países membros da OCDE tendem a apresentar um nível elevado de interdependência econômica, fator essencial para a análise das dinâmicas da globalização (HELD, 1999).

Além disso, o KOF Globalisation Index, elaborado pelo Instituto Federal de Tecnologia de Zurique, utiliza a adesão à OCDE como variável relevante para mensuração de globalização política e econômica, considerando que os países-membros demonstram um compromisso institucional com a abertura comercial, os fluxos de capital e a cooperação multilateral. A OCDE, portanto, serve como marcador de maturidade institucional e de pertencimento a redes de governança global — critérios indispensáveis para o recorte comparativo proposto nesta pesquisa (ETH Zurich, 2023).

Já o critério de inclusão no G20 responde à necessidade de representar os principais pólos de decisão e influência econômica global. Criado em 1999 como resposta às crises financeiras asiáticas e consolidado como fórum de cúpula após 2008, o G20 reúne as maiores economias do mundo, incluindo economias avançadas e emergentes, que juntas correspondem a aproximadamente 85% do PIB mundial, 75% do comércio global e dois terços da população mundial. Sua importância metodológica reside no fato de que os países do G20 não apenas moldam as diretrizes macroeconômicas e comerciais do sistema internacional, como também refletem distintas estratégias diante dos dilemas da globalização e da fragmentação política contemporânea (WORLD BANK, 2023).

De acordo com Rodrik (2011), o G20 tornou-se uma arena crucial de coordenação econômica global desde a crise de 2008, momento em que sua

legitimidade e abrangência superaram as limitações dos fóruns tradicionais como o G7. A inclusão de países como Brasil, China, Índia, África do Sul e Indonésia, por exemplo, permite observar como economias emergentes buscam conciliar a integração global com a proteção de suas autonomias estratégicas. Além disso, autores como Chase-Dunn et al. (2023) argumentam que o G20 é um importante espaço de disputa e redefinição das regras da governança global, sobretudo em contextos de multipolaridade e desglobalização política.

Dessa forma, os critérios de seleção baseados na OCDE e no G20 garantem a diversidade necessária para uma análise comparativa significativa. Ao mesmo tempo, asseguram a presença de países cujas decisões impactam diretamente as cadeias produtivas globais, os fluxos comerciais, as normas institucionais e a estabilidade do sistema internacional. A combinação desses dois critérios metodológicos oferece, portanto, uma matriz analítica robusta, sensível às variáveis econômicas e políticas que sustentam a hipótese de descolamento entre globalização econômica e desglobalização política.

Para a América do Norte, foram selecionados México e Canadá, países profundamente integrados à economia dos Estados Unidos por meio de acordos comerciais como o NAFTA e, mais recentemente, o USMCA. Ambos são membros da OCDE e do G20, o que reforça sua relevância nas dinâmicas de integração econômica regional e global. Na Europa, os critérios metodológicos apontaram para França e Alemanha, duas das principais economias da União Europeia, reconhecidas por suas instituições sólidas, governança democrática e elevado grau de interdependência comercial.

Na Ásia, a seleção recaiu sobre Coreia do Sul e Japão, nações que se consolidaram como polos tecnológicos e industriais estratégicos, fortemente integrados às cadeias globais de valor e com papel central nas relações comerciais entre Estados Unidos e China. Na América do Sul optou-se por uma métrica alternativa. Foram selecionados Brasil e Argentina, economias emergentes que, embora com trajetórias institucionais distintas e não sendo membros da OCDE, exercem influência significativa no comércio internacional, especialmente como exportadoras de commodities e manufaturas destinadas aos mercados de China e EUA.

Importante destacar que todos os países selecionados integram o G20, o que assegura sua representatividade nas principais arenas de formulação de políticas

econômicas globais. A composição escolhida permite observar como essas economias atuam nos fluxos comerciais internacionais e nas reconfigurações geopolíticas, contribuindo para compreender como os diferentes contextos nacionais moldam — e são moldados por — os processos de globalização econômica e desglobalização política.

O recorte temporal de 1996 a 2022 foi estabelecido com base na teoria das ondas de globalização, conforme destacado na Tabela 3 – Ondas de Globalização. A quarta onda de globalização (Glob 4) teve início em 1994, caracterizando um período de forte expansão da economia mundial, impulsionado pelo crescimento do comércio internacional, pelo avanço da interdependência econômica e pelo fortalecimento dos fluxos globais de capital. A escolha de 1996 como ponto de partida se justifica por representar um momento em que a China consolidava sua inserção na economia global e avançava nas negociações para sua entrada na OMC, fato que se concretizaria em 2001, transformando profundamente sua posição no comércio internacional. Além disso, esse período marca o auge da crença no livre mercado e na globalização como motores do desenvolvimento econômico, refletindo a crescente interconexão das cadeias produtivas globais e a ampliação dos acordos comerciais internacionais.

A crise financeira de 2008 não apenas interrompeu o crescimento econômico global, mas também levou a uma reavaliação do modelo de globalização, gerando um aumento do protecionismo. O historiador Adam Tooze argumenta que a crise criou um ambiente de desconfiança nos mercados globais, fazendo com que muitos governos priorizassem políticas econômicas internas em detrimento da integração internacional. Ao mesmo tempo, a China emergiu como uma peça-chave na recuperação econômica, consolidando-se como um dos principais motores do crescimento global e aumentando sua influência geopolítica (TOOZE, 2018).

Outra inflexão relevante ocorreu em 2018, com o início da guerra comercial entre Estados Unidos e China, que representou uma ruptura significativa com o paradigma do livre comércio. As medidas protecionistas adotadas pelo governo norte-americano, como o aumento das tarifas sobre produtos chineses, sinalizaram uma mudança na lógica da interdependência econômica global, refletindo uma escalada de tensões que não se limitou ao comércio, mas se estendeu para o setor tecnológico e para as relações diplomáticas entre as duas maiores economias do mundo. A guerra comercial levou à reconfiguração de cadeias produtivas, à redução

de investimentos e ao fortalecimento de barreiras protecionistas, impactando diretamente o fluxo global de mercadorias e capital e acelerando um movimento de fragmentação econômica.

Nesse contexto, 2022 foi escolhido como limite da análise por representar um momento de consolidação de tendências que sinalizam transformações estruturais na economia global. A disponibilidade de dados internacionais até esse período permite uma análise mais precisa e fundamentada sobre essas mudanças. Dessa forma, o recorte de 1996 a 2022 possibilita compreender tanto a ascensão da globalização econômica quanto os primeiros sinais de sua reconfiguração, sustentando o argumento central deste estudo sobre o descolamento entre globalização econômica e desglobalização política.

Portanto, a escolha metodológica adotada neste estudo garante uma análise rigorosa das transformações ocorridas entre 1996 e 2022, com base em uma abordagem comparativa entre as potências globais e seus principais parceiros comerciais. Esse método permite não apenas compreender as dinâmicas do comércio internacional, mas também avaliar como a globalização econômica se reconfigura em meio a forças de desglobalização política, consolidando a relevância do recorte temporal e dos critérios de seleção dos países.

5.2. Indicadores Econômicos e Comerciais dos Países Selecionados

As Tabelas 4 e 5 oferecem uma visão abrangente da evolução do comércio internacional das duas maiores potências econômicas globais: Estados Unidos e China. Ao longo das últimas décadas, ambos os países desempenharam papéis centrais no crescimento da globalização econômica, estabelecendo relações comerciais estratégicas com diferentes regiões do mundo. No entanto, ao analisarmos os dados, torna-se evidente que essas interações passaram por ajustes e reconfigurações em resposta a eventos econômicos, disputas geopolíticas e mudanças estruturais nas cadeias produtivas.

A Tabela 4 apresenta os fluxos comerciais dos Estados Unidos e da China com dois parceiros estratégicos em cada região do mundo, abrangendo os períodos de 1996 a 2008 e 2018 a 2022. O objetivo dessa tabela é demonstrar como as relações comerciais dessas potências foram moldadas ao longo do tempo, refletindo

tanto o crescimento da interdependência global quanto os desafios impostos pela desglobalização política. A análise permite identificar padrões de expansão, desaceleração e até retração nas trocas comerciais, destacando o impacto de eventos como a crise financeira de 2008, a guerra comercial entre EUA e China em 2018 e a pandemia de COVID-19.

Já a Tabela 5 aprofunda essa análise ao focar no crescimento total do comércio de Estados Unidos e China com seus parceiros econômicos, permitindo uma comparação quantitativa mais clara da expansão e reconfiguração dos fluxos comerciais ao longo dos anos. Essa tabela destaca quais países aumentaram ou reduziram suas relações comerciais com as potências globais, evidenciando a crescente influência da China e a tentativa dos Estados Unidos de manter sua relevância como polo comercial global.

**Tabela 4 - Evolução das Relações Comerciais entre os Países Selecionados
(1996 - 2022)**

País Exportador	País Importador	Região	1996	2008	Crescimento (%) 1996 - 2008	2018	2022	Crescimento (%) 2018 - 2022
China	México	América do Norte	\$392M	\$16B	3980,61%	\$46B	\$79B	71,74%
China	Brasil	América do Sul	\$1B	\$18B	1700,00%	\$31B	\$56B	80,65%
China	EUA	América do Norte	\$46B	\$284B	517,39%	\$453B	\$576B	27,15%
China	Canadá	América do Norte	\$3.1B	\$32B	931,48%	\$45B	\$61B	35,56%
China	França	Europa	\$5.2B	\$36B	592%	\$47B	\$41B	-12,77%
China	Argentina	América do Sul	\$474M	\$5.4B	1039,24%	\$8.9B	\$14B	57,30%
China	Alemanha	Europa	\$10B	\$72B	620,00%	\$101B	\$165B	63,37%
China	Coreia do Sul	Ásia	\$7.6B	\$76B	900%	\$107B	\$155B	44,86%
China	Japão	Ásia	\$35B	\$119B	237,14%	\$142B	\$153B	7,75%
EUA	México	América do Norte	\$57B	\$152B	166,67%	\$264B	\$324B	22,73%
EUA	Canadá	América do Norte	\$121B	\$218B	80,17%	\$256B	\$313B	22,27%
EUA	Brasil	América do Sul	\$13B	\$30B	130,77%	\$38B	\$54B	42,11%
EUA	França	Europa	\$19B	\$31B	63,16%	\$34B	\$45B	32,35%
EUA	Coreia do Sul	Ásia	\$27B	\$32B	18,52%	\$58B	\$69B	18,97%
EUA	Japão	Ásia	\$68B	\$65B	-4,41%	\$73B	\$78B	6,85%
EUA	Alemanha	Europa	\$28B	\$56B	100%	\$63B	\$80B	26,98%
EUA	China	Ásia	\$12B	\$67B	458,33%	\$122B	\$150B	22,95%
EUA	Argentina	América do Sul	\$4.5B	\$7.4B	64,44%	\$9.6B	\$12B	25,00%

Fonte: **The Atlas of Economic Complexity - Harvard (2022)**

Elaboração Própria 15/02/2025

Tabela 5 - Crescimento Total China e EUA com os Países Seleccionados (1996 - 2022)

	1996 - 2008	
	Crescimento Total (%)	Crescimento anual (média)
China	1393,47%	116,12%
EUA	148,92%	12,41%
	2018 - 2022	
	Crescimento Total (%)	Crescimento anual (média)
China	53,78%	13,45%
EUA	31,21%	7,80%

Fonte: **The Atlas of Economic Complexity - Harvard (2022)**

Elaboração Própria 15/02/2025

A globalização econômica tem sido um fenômeno crescente desde o final do século XX, com uma forte integração dos mercados globais e a interdependência das economias por meio das Cadeias Globais de Valor (CGV). Apesar das recentes tensões políticas, o comércio global não sofreu uma retração definitiva, mas sim uma reorganização. Richard Baldwin argumenta que a interdependência das cadeias produtivas impede um recuo total da globalização econômica, pois a fragmentação das cadeias produtivas modernas exigem relações comerciais contínuas entre países (BALDWIN, 2016).

A análise das tabelas evidencia que o comércio global continua expressivo, embora tenha sofrido desaceleração nos últimos anos. Um dos fatores mais relevantes para essa mudança é a percepção dos Estados Unidos de que a China deixou de ser apenas um parceiro comercial e passou a ser sua principal rival geopolítica e econômica. Esse fator contribuiu para a adoção de medidas protecionistas e reestruturação de cadeias produtivas, resultando em um crescimento mais moderado dos fluxos comerciais entre os dois países após 2018 (ALLISON, 2017).

Entre 1996 e 2008, os fluxos comerciais entre China e os demais países analisados cresceram de forma expressiva, com um aumento total de 1393,47%, equivalente a um crescimento anual médio de 116,12%. Durante esse período, a ascensão da China como potência manufatureira foi impulsionada por sua entrada

na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, o que permitiu sua integração completa nas cadeias produtivas globais. Os Estados Unidos, por sua vez, também expandiram significativamente suas relações comerciais, registrando um crescimento total de 148,92%, com um crescimento anual médio de 12,41%. Esse crescimento, embora muito inferior ao da China, demonstra a força do comércio global durante esse período, marcado pela ampliação da interdependência entre as nações.

A crise financeira de 2008 representou um marco fundamental na trajetória da globalização econômica, pois expôs as fragilidades do sistema financeiro internacional e acelerou as primeiras tendências de desglobalização. Originada no colapso do setor imobiliário dos Estados Unidos, a crise rapidamente se espalhou para os mercados globais, demonstrando o grau de interdependência entre as economias. Com a quebra de grandes instituições financeiras e a subsequente recessão global, muitos países passaram a reavaliar sua dependência dos fluxos financeiros internacionais e das cadeias produtivas globais, resultando em uma maior intervenção estatal e na adoção de políticas protecionistas. Embora o comércio global tenha se recuperado na década seguinte, a crise de 2008 marcou o início de uma mudança estrutural, onde o entusiasmo pelo livre mercado começou a ser substituído por um pragmatismo econômico mais cauteloso (BALDWIN, 2016).

Os impactos dessa crise foram particularmente evidentes nas economias desenvolvidas, onde governos tiveram que intervir para evitar colapsos financeiros. Nos Estados Unidos e na Europa, grandes pacotes de resgate financeiro foram implementados para estabilizar o setor bancário, mas os efeitos colaterais incluíram uma maior preocupação com déficits fiscais e uma desaceleração do crescimento econômico. Como resultado, a recuperação do comércio global não ocorreu de maneira homogênea. Enquanto a China e outras economias emergentes conseguiram manter taxas elevadas de crescimento, muitas economias ocidentais passaram por um período prolongado de baixo crescimento e políticas de austeridade, impactando a dinâmica do comércio internacional (BOWN, 2020).

Outro efeito da crise de 2008 foi o questionamento do modelo de globalização baseado na interdependência financeira e produtiva. Antes da crise, predominava a ideia de que a integração econômica global era irreversível e benéfica para todas as nações. Entretanto, com a instabilidade financeira demonstrada pelo colapso bancário e a consequente recessão global, muitos países

passaram a adotar estratégias mais nacionalistas na economia, buscando maior autonomia em setores estratégicos. Esse movimento não representou uma ruptura imediata com a globalização econômica, mas sim o surgimento de políticas que priorizavam a resiliência doméstica e a segurança econômica, ao invés de uma dependência irrestrita dos mercados globais (BALDWIN, 2016).

A China, por sua vez, tirou proveito da crise de 2008 para consolidar ainda mais sua posição na economia global. Enquanto as economias ocidentais enfrentavam dificuldades de crescimento, o governo chinês adotou políticas agressivas de estímulo econômico, investindo pesadamente em infraestrutura e expansão da capacidade produtiva. Esse movimento permitiu que a China aumentasse ainda mais sua participação nas Cadeias Globais de Valor, tornando-se um fornecedor ainda mais essencial para os mercados ocidentais. Esse período consolidou a dependência dos Estados Unidos e da Europa em relação à manufatura chinesa, uma dinâmica que, anos depois, tornaria qualquer tentativa de desglobalização um processo extremamente desafiador (DOSHI, 2021).

Entretanto, no período entre 2018 e 2022, observou-se uma desaceleração significativa. A China manteve um crescimento positivo de 53,78%, mas muito inferior ao observado no período anterior, com uma taxa anual média de 13,45%. Já os Estados Unidos apresentaram um crescimento ainda mais moderado, atingindo 31,21% de crescimento total no período e um crescimento anual médio de 7,80%. Essa desaceleração reflete um conjunto de fatores, incluindo tensões comerciais entre China e EUA, mudanças estratégicas nas cadeias produtivas e o impacto da pandemia de Covid-19, que afetou significativamente os fluxos globais de comércio e investimento.

A guerra comercial entre Estados Unidos e China, iniciada em 2018, pode ser um dos motivos para essa queda, sendo uma das maiores rupturas na dinâmica da globalização econômica desde a crise de 2008. O governo norte-americano, sob a administração de Donald Trump, implementou tarifas sobre centenas de bilhões de dólares em produtos chineses, alegando práticas desleais de comércio, roubo de propriedade intelectual e uma dependência excessiva da manufatura chinesa. Em resposta, a China impôs tarifas retaliatórias sobre produtos americanos, intensificando um conflito econômico que afetou diretamente o crescimento do comércio global. Os impactos foram sentidos não apenas entre as duas nações, mas também em terceiros países e empresas multinacionais, que tiveram que

reorganizar suas cadeias produtivas para minimizar os custos das tarifas (BOWN, 2020).

Essa guerra comercial gerou incertezas nos mercados internacionais, reduzindo investimentos e desacelerando fluxos comerciais que antes eram crescentes. A tentativa dos Estados Unidos de desacoplar sua economia da China levou muitas empresas a buscar alternativas, como o Sudeste Asiático. O comércio bilateral entre China e EUA continuou relevante, mas o crescimento desacelerou consideravelmente. Esse contexto explica, em parte, a queda no crescimento do comércio global entre 2018 e 2022, refletida nos dados analisados.

Além da guerra comercial, a pandemia de Covid-19, iniciada em 2019, impôs desafios sem precedentes à economia global e acelerou ainda mais o processo de desglobalização. Medidas como lockdowns, fechamento de fábricas e restrições ao transporte internacional causaram interrupções massivas nas cadeias produtivas globais, resultando em escassez de insumos e aumento dos custos logísticos. Esse impacto foi especialmente visível em setores estratégicos, como a indústria automotiva e a produção de semicondutores, que sofreram atrasos significativos na produção e distribuição (DOSHI, 2021).

A pandemia também ampliou o discurso político em torno da necessidade de reindustrialização e menor dependência da China. Governos ao redor do mundo começaram a formular políticas para trazer a produção de volta para seus países ou diversificar fornecedores, reforçando a ideia de desglobalização como uma tendência estrutural. Empresas passaram a considerar estratégias como nearshoring e friendshoring, buscando localizar sua produção em países geograficamente mais próximos ou aliados estratégicos. Esse movimento contribuiu para uma reorganização das Cadeias Globais de Valor, ainda que não tenha eliminado a interdependência já consolidada (JEANNE et al. 2022).

O período de 2018 a 2022, portanto, marcou uma fase de transição na globalização econômica, onde variáveis como a guerra comercial e a pandemia interromperam o ritmo do crescimento global, mas não eliminaram a interdependência econômica. Como demonstrado no ciclo da globalização e desglobalização, eventos disruptivos como pandemias e conflitos econômicos aceleram a reconfiguração das relações internacionais, mas a completa fragmentação da globalização não ocorre instantaneamente. Em vez disso, observamos uma adaptação dos mercados e das cadeias produtivas às novas

realidades geopolíticas e logísticas, sem um abandono definitivo do modelo econômico globalizado.

5.3. A Relação Entre China, EUA e as Regiões do Mundo

O estudo das tabelas de comércio mostra claramente que, mesmo com a desaceleração recente do crescimento do comércio global, as relações entre China, Estados Unidos e os principais blocos econômicos continuam sendo fundamentais. O comércio bilateral entre essas potências não apenas permanece elevado, como também influencia toda a dinâmica do comércio mundial.

5.3.1. América do Norte: Uma Região em Reconfiguração

A América do Norte sempre foi um dos blocos econômicos mais integrados do mundo, impulsionado inicialmente pelo Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), assinado em 1994 entre Estados Unidos, Canadá e México. O objetivo principal desse acordo foi eliminar barreiras comerciais e impulsionar o crescimento da produção regional, permitindo que os países especializassem suas economias de acordo com suas vantagens competitivas. Ao longo das décadas seguintes, a interdependência entre os três países cresceu significativamente, consolidando a América do Norte como um polo produtivo global altamente conectado (PASTOR, 2011).

No entanto, a partir de 2017, com a ascensão de uma agenda econômica mais protecionista nos Estados Unidos, esse modelo começou a ser questionado. Sob a administração de Donald Trump, os EUA renegociaram o NAFTA, resultando no Acordo Estados Unidos-México-Canadá (USMCA), que entrou em vigor em 2020. Essa reformulação teve como foco tornar a região mais competitiva frente à China, impondo novas exigências de conteúdo regional para a indústria automotiva e fortalecendo normas trabalhistas para evitar que empresas deslocassem sua produção para o México em busca de mão de obra barata (VILLARREAL; FERGUSSON, 2020).

A reestruturação do acordo comercial entre os países norte-americanos foi impulsionada diretamente pela percepção de que a China havia se tornado uma

ameaça econômica e geopolítica para os Estados Unidos. Durante as décadas de 1990 e 2000, muitas indústrias deslocaram sua produção para a China devido ao baixo custo da mão de obra e à flexibilidade da manufatura chinesa. No entanto, a guerra comercial iniciada em 2018 e a pandemia de Covid-19 evidenciaram as fragilidades desse modelo, levando os EUA a buscar alternativas mais próximas para evitar a dependência da China (VILLARREAL; FERGUSON, 2020)..

Esse processo deu origem a um fenômeno econômico conhecido como nearshoring, no qual empresas multinacionais passaram a realocar suas operações para países próximos, mantendo custos competitivos e reduzindo riscos associados a disputas comerciais e disrupções logísticas. O México, devido à sua proximidade geográfica com os EUA e sua participação no USMCA, tornou-se um dos maiores beneficiados desse movimento. Em 2022, o México ultrapassou a China como o principal parceiro comercial dos Estados Unidos em certos setores manufatureiros, especialmente no setor automotivo e na produção de eletrônicos (BOSTON CONSULTING GROUP, 2024).

Entretanto, apesar desses esforços para reduzir a dependência da China, a reconfiguração produtiva na América do Norte ainda enfrenta desafios significativos. A China continua sendo uma peça essencial na cadeia produtiva global, fornecendo insumos e componentes para indústrias localizadas no México e no Canadá. Muitas empresas que realocaram parte de suas fábricas para o México ainda dependem de fornecedores chineses para obter matérias-primas, semicondutores e equipamentos de tecnologia avançada. Esse fator demonstra que, apesar das tentativas de fortalecer cadeias regionais, a globalização econômica continua sendo um elemento fundamental da dinâmica produtiva da América do Norte.

Outro ponto importante é que, embora o USMCA tenha fortalecido a integração da América do Norte, ele também trouxe desafios para empresas que antes aproveitavam a flexibilidade do NAFTA para reduzir custos. Novas exigências sobre percentual mínimo de conteúdo regional em veículos e regras mais rígidas para trabalhadores industriais no México impuseram custos adicionais para as montadoras e fornecedores, tornando a adaptação ao novo modelo um processo gradual (BOSTON CONSULTING GROUP, 2024) .

Dessa forma, a América do Norte encontra-se em um período de transição econômica, no qual a globalização regional está sendo reforçada como uma estratégia para reduzir vulnerabilidades geopolíticas.

5.3.2. União Europeia: Entre a Dependência Econômica e a Busca por Autonomia

A União Europeia (UE) destaca-se como um dos blocos econômicos mais influentes globalmente, com uma forte integração comercial e regulatória. Atualmente, a UE é composta por 27 países membros, representando aproximadamente 447 milhões de habitantes e um Produto Interno Bruto (PIB) combinado de cerca de 15 trilhões de euros. Essa união econômica e política permite à UE atuar como um ator central no comércio internacional, estabelecendo relações comerciais significativas com diversas potências globais (CONSELHO EUROPEU, 2023).

Os principais parceiros comerciais da UE são os Estados Unidos e a China. De acordo com dados do Conselho Europeu, os EUA representam 16,7% do comércio total da UE, enquanto a China corresponde a 14,6%. Esses números refletem a importância dessas duas nações nas transações comerciais europeias (CONSELHO EUROPEU, 2023).

A relação comercial entre a UE e os EUA é caracterizada por altos níveis de investimento estrangeiro direto, inovação tecnológica e integração financeira. Os Estados Unidos continuam sendo um dos principais mercados para exportações europeias, com interdependência significativa em setores como automotivo, farmacêutico e aeronáutico. No entanto, divergências políticas e comerciais surgiram nos últimos anos, especialmente durante o governo de Donald Trump, que implementou tarifas sobre produtos europeus, como aço e alumínio, alegando práticas comerciais desleais. Essas tensões abalaram a confiança no comércio transatlântico, levando a UE a reforçar políticas que diminuíssem sua dependência econômica dos Estados Unidos (RIDDERVOLD; NEWSOME, 2018).

Paralelamente, a China emergiu como um parceiro econômico cada vez mais relevante para a União Europeia. O comércio entre a China e a UE cresceu substancialmente, com um aumento de 23% no comércio total de mercadorias em 2022, tornando-se um mercado-chave para exportações de produtos de luxo, automóveis e equipamentos industriais europeus. Além disso, a China desempenha um papel essencial no fornecimento de insumos eletrônicos, baterias e metais raros, fundamentais para setores como tecnologia e energia renovável. Esse nível de

dependência gerou preocupações dentro da Europa, levando à formulação de políticas que visam reduzir a vulnerabilidade da UE à influência chinesa e diversificar suas cadeias produtivas (UNIÃO EUROPEIA, 2023).

Nos últimos anos, a UE tem enfrentado desafios significativos, incluindo tensões comerciais globais, disputas tecnológicas e vulnerabilidades expostas pela pandemia de Covid-19 e pelo conflito entre Rússia e Ucrânia. Esses fatores impulsionaram a UE a buscar maior autonomia estratégica, especialmente em setores-chave como tecnologia, energia e manufatura. O conceito de autonomia estratégica europeia destaca a necessidade de equilibrar a abertura ao comércio internacional com a autossuficiência em áreas críticas, visando aumentar a independência entre os atores do bloco e a resiliência a eventos externos (BARROS; NUNES 2023).

A pandemia de Covid-19 destacou as fragilidades da interdependência europeia com as cadeias produtivas globais. A crise sanitária revelou a vulnerabilidade da Europa na produção de bens essenciais, como equipamentos médicos, semicondutores e produtos farmacêuticos, que dependiam fortemente de insumos vindos da China e de outros países asiáticos. O colapso nas cadeias logísticas e as restrições de exportação impostas por alguns países levaram a União Europeia a adotar políticas para fortalecer a produção doméstica de bens críticos e reduzir a dependência externa (BARROS; NUNES, 2023).

Outro fator que impulsionou a necessidade de autonomia econômica europeia foi a guerra entre Rússia e Ucrânia, que expôs a dependência da Europa de energia russa, especialmente no que diz respeito ao gás natural e ao petróleo. Com a imposição de sanções contra a Rússia e a busca por novas fontes energéticas, a União Europeia começou a acelerar sua transição energética e seus investimentos em energias renováveis, além de fortalecer relações comerciais com outros fornecedores de combustíveis, como Noruega, Estados Unidos e países do Oriente Médio. Essa reconfiguração energética é parte de uma estratégia mais ampla da UE para diminuir sua vulnerabilidade a choques externos e aumentar sua resiliência econômica (BEAUCILLON, 2023).

Além disso, a UE lançou o plano REPowerEU, visando acabar com a dependência de combustíveis fósseis russos antes de 2030. Esse plano busca economizar energia, diversificar o fornecimento e acelerar a implantação de energias renováveis. Em 2021, 45% das importações de gás fóssil da UE provinham

da Rússia; até 2023, essa porcentagem caiu para 15%, com a demanda geral de gás diminuindo 18% nos primeiros dois anos do plano (COMISSÃO EUROPEIA, 2022).

Os dados comerciais analisados revelam um fenômeno interessante no comércio da União Europeia, especialmente no que diz respeito à França e à Alemanha. Entre 1996 e 2008, o comércio entre França e China cresceu 592%, enquanto a relação comercial entre Alemanha e China cresceu 620%, consolidando a forte dependência da indústria alemã da manufatura chinesa, principalmente em setores como automotivo e eletrônico (GROWTH LAB, 2023).

No entanto, essa dinâmica mudou significativamente entre 2018 e 2022. Durante esse período, o comércio entre França e China apresentou uma redução de 12,77%, o que contrasta com o crescimento ainda positivo entre Alemanha e China. Esse declínio sugere uma possível reorientação da política comercial francesa, que tem buscado diversificar suas relações internacionais e reduzir sua dependência da China. Paralelamente, o comércio entre França e Estados Unidos aumentou no mesmo período, indicando que a França tem aprofundado sua relação econômica com os EUA, enquanto a Alemanha, embora também tenha aumentado o comércio com os Estados Unidos, mantém sua forte ligação comercial com a China (ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY, 2022).

Essa mudança pode estar associada a fatores estratégicos e geopolíticos. A França tem se posicionado como um dos países líderes na busca por uma maior autonomia da União Europeia, defendendo políticas que reduzam a dependência do bloco em relação à China e incentivem a reindustrialização dentro da UE. O reforço das relações comerciais com os Estados Unidos pode ser parte de uma estratégia para equilibrar as influências globais dentro da Europa, especialmente considerando a crescente competição entre China e EUA. Além disso, o setor tecnológico e militar francês tem sido beneficiado por acordos com os Estados Unidos, incluindo colaborações na indústria de defesa e no fornecimento de semicondutores (BEAUCILLON, 2023).

Porém a França sozinha não consegue definir o rumo do bloco inteiro, a Alemanha por sua vez tem mantido uma relação econômica significativa com a China, especialmente em setores como o automotivo e o de máquinas industriais. Empresas alemãs de destaque, como Volkswagen e Mercedes-Benz, dependem do mercado chinês para uma parcela substancial de suas receitas. Por exemplo, a

Volkswagen obtém mais de 30% de seus lucros na China, e a BASF considera o país asiático seu mercado futuro mais importante (MILNE, 2025).

No entanto, essa dependência tem sido motivo de preocupação para o governo alemão. Em 2023, Berlim publicou um documento intitulado "Estratégia para a China", destacando a necessidade de reduzir a dependência em setores essenciais, especialmente diante de críticas ao histórico de direitos humanos de Pequim e à sua postura no cenário internacional (GOVERNO DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA, 2023).

Em resposta a essas vulnerabilidades, a Alemanha tem buscado diversificar suas relações comerciais e reduzir a dependência de países como China e Rússia. O vice-chanceler e ministro de Assuntos Econômicos, Robert Habeck, afirmou em 2024 que o país está trabalhando para diminuir essas dependências, mesmo diante de desafios econômicos e políticos internos complexos (BERLIN ENERGY TRANSITION, 2024).

5.3.3. América do Sul: Entre a Dependência da China e o Multi-Alinhamento Global

A América do Sul tem desempenhado um papel peculiar na globalização econômica, especialmente no que se refere às relações comerciais com Estados Unidos e China. A região, liderada economicamente por Brasil e Argentina, consolidou-se como um dos principais fornecedores globais de commodities, exportando grandes volumes de alimentos, minérios e energia para os mercados internacionais. No entanto, nas últimas décadas, a dependência comercial da China cresceu exponencialmente, ao mesmo tempo que os países sul-americanos tentam equilibrar suas relações diplomáticas e econômicas em um mundo cada vez mais polarizado.

A China tornou-se o principal parceiro comercial do Brasil e da Argentina, superando os Estados Unidos em volume de comércio. Esse crescimento se deve, em grande parte, à demanda chinesa por soja, minério de ferro, petróleo e carne bovina, tornando o Brasil um dos maiores fornecedores globais desses produtos. Entre 1996 e 2008, o comércio entre China e Brasil cresceu a taxas exponenciais, refletindo a integração da economia brasileira às Cadeias Globais de Valor como fornecedora de matérias-primas. No entanto, essa relação não se traduziu em um

crescimento proporcional do setor industrial brasileiro, que tem enfrentado dificuldades devido à concorrência chinesa em produtos manufaturados. A Argentina segue uma trajetória similar, embora com uma estrutura econômica mais frágil em comparação ao Brasil. A crise econômica argentina tem intensificado a dependência do país em relação à China, especialmente em termos de investimentos e financiamentos concedidos pelo governo chinês, refletidos em projetos de infraestrutura financiados por Pequim, como a modernização de ferrovias e usinas hidrelétricas (FERCHEN, 2011).

Apesar dessa forte integração com a China, tanto o Brasil quanto a Argentina ainda mantêm relações econômicas estratégicas com os Estados Unidos e a União Europeia. O Brasil, por exemplo, aumentou sua cooperação em setores como tecnologia, defesa e meio ambiente com os EUA e a Europa, enquanto a Argentina tem buscado maior aproximação para conseguir acordos financeiros com o FMI e apoio para estabilização macroeconômica. Esse movimento reflete a necessidade de diversificação das parcerias comerciais para evitar uma dependência excessiva da China, um fator que tem sido amplamente debatido entre especialistas em política externa (ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY, 2024).

A política externa brasileira tem sido historicamente caracterizada pela política do "não alinhamento", onde o país busca equilibrar relações sem assumir alinhamentos definitivos com grandes potências (Waisbich, 2023).

Esse modelo, baseado no princípio da autonomia e na flexibilidade diplomática, tem permitido ao Brasil manter boas relações com diferentes blocos e negociar acordos comerciais de forma pragmática. No entanto, essa abordagem tem sido cada vez mais desafiada pela crescente polarização geopolítica global, especialmente após a eleição de Donald Trump em 2017. Donald Trump tem reforçado políticas protecionistas e uma abordagem mais agressiva contra países que mantêm relações estreitas com o oriente, o que pressionou o Brasil a tomar decisões mais objetivas sobre seu posicionamento internacional (INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2024).

Um dos principais elementos que vêm tensionando as relações entre Brasil e Estados Unidos é a atuação brasileira no BRICS. O grupo, composto por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, foi criado como um fórum para fortalecer cooperação econômica, comercial e diplomática entre potências emergentes, mas tem sido cada vez mais influenciado pela China, que se consolidou como a maior

economia do bloco. Com a recente expansão do BRICS em 2023, incluindo países como Arábia Saudita, Irã e Emirados Árabes Unidos, a aliança passou a ser vista com maior preocupação pelos Estados Unidos e seus aliados ocidentais (STEWART, 2024).

O Brasil tem desempenhado um papel moderador dentro do BRICS, evitando que o bloco se torne um instrumento exclusivamente alinhado aos interesses chineses e russos. No entanto, a participação brasileira ainda gera tensões com Washington, que vê o BRICS como uma alternativa às instituições dominadas pelo Ocidente, como o FMI e o Banco Mundial. Para os Estados Unidos, a expansão do BRICS representa um desafio geopolítico, pois amplia a influência econômica da China e facilita o comércio internacional sem o uso do dólar, enfraquecendo a posição dos EUA como centro do sistema financeiro global (BOND; GARCIA, 2015).

Nos últimos anos, a China tem pressionado para que o BRICS fortaleça mecanismos financeiros alternativos ao dólar, como a ampliação do uso do yuan em transações comerciais e a criação de instituições financeiras paralelas, como o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB). O Brasil tem se beneficiado dessa diversificação, aceitando maior uso de moedas locais no comércio bilateral com a China, o que reduz a dependência do dólar e facilita a exportação de commodities. Esse movimento, no entanto, não é bem visto por Washington, que considera o enfraquecimento do dólar um risco estratégico e pode pressionar o Brasil a limitar sua participação nesses projetos dentro do BRICS (PEREIRA; MILAN, 2018).

A América do Sul tem sido impactada diretamente pelos desdobramentos das disputas comerciais e tecnológicas entre China e Estados Unidos, além das mudanças na estrutura dos blocos econômicos globais. A guerra comercial entre EUA e China, iniciada em 2018, gerou efeitos colaterais nos países sul-americanos, já que Brasil e Argentina passaram a ser opções estratégicas para Pequim na busca por fornecedores alternativos de commodities agrícolas e minerais. Como resultado, o comércio bilateral entre China e Brasil cresceu expressivamente, aumentando 80,65% entre 2018 e 2022, reforçando a dependência chinesa dos recursos naturais brasileiros.

Paralelamente, a pandemia de Covid-19 expôs vulnerabilidades significativas na dependência sul-americana de produtos manufaturados importados, especialmente em equipamentos médicos, vacinas e eletrônicos, setores amplamente dominados por fornecedores chineses. Durante a crise sanitária global,

houve escassez de insumos críticos, levando governos da região a repensar suas cadeias de suprimentos e buscar estratégias para reduzir a vulnerabilidade externa. No entanto, a reestruturação dessas cadeias produtivas enfrenta desafios, pois a capacidade industrial da América do Sul continua limitada, tornando difícil substituir importações chinesas no curto prazo (ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY, 2024).

Esse cenário destaca a complexidade da relação comercial entre América do Sul e China, onde a dependência por commodities gera superávit na balança comercial brasileira, mas, ao mesmo tempo, mantém os países sul-americanos altamente vulneráveis à influência econômica de Xi Jinping e alimentando um descontentamento estadunidense.

5.3.4. Coreia do Sul e Japão na Globalização Econômica

A Ásia tem sido o principal centro da globalização econômica, desempenhando um papel essencial na produção industrial e inovação tecnológica global. Japão e Coreia do Sul, como atores estratégicos na região, mantêm relações comerciais robustas tanto com os Estados Unidos quanto com a China. Entretanto, ao longo dos períodos de 1996 a 2008 e 2018 a 2022, houve uma transformação na dinâmica dessas relações. Se o final do século XX e início dos anos 2000 foram marcados pela ascensão da China como principal parceiro comercial da região, os últimos anos mostraram uma reconfiguração das cadeias produtivas e um esforço do Japão e da Coreia do Sul para equilibrar sua dependência da China e dos EUA.

Durante o final da década de 1990 e início dos anos 2000, a China consolidou sua posição como um dos principais polos industriais do mundo, expandindo significativamente suas exportações para seus vizinhos asiáticos. O comércio entre China e Coreia do Sul cresceu 900% neste período, saltando de 7,6 bilhões para 76 bilhões de dólares (ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY, 2022).

Esse crescimento impressionante reflete o aumento da integração da Coreia do Sul às cadeias produtivas chinesas, especialmente nos setores de eletrônicos e semicondutores, nos quais as fábricas sul-coreanas passaram a depender cada vez mais de insumos e componentes fabricados na China (MOREIRA; BASTOS, 2023).

Da mesma forma, as relações comerciais entre China e Japão cresceram 237,14% entre 1996 e 2008, aumentando de 35 bilhões para 119 bilhões de dólares. Esse crescimento foi impulsionado pelo processo de deslocalização industrial

japonesa, no qual empresas japonesas transferiram parte de sua produção para a China para reduzir custos e aproveitar a mão de obra mais barata. O setor automotivo e eletrônico japonês foi particularmente beneficiado, com montadoras como Toyota, Nissan e Honda ampliando fábricas na China para atender tanto o mercado interno chinês quanto à exportação global (BILLIG; SUZI, 2023).

Os Estados Unidos, por outro lado, apresentaram um crescimento mais modesto na região. O comércio entre EUA e Coreia do Sul cresceu 18,52%, passando de 27 bilhões para 32 bilhões de dólares, enquanto as trocas comerciais entre EUA e Japão sofreram uma leve queda de -4,41%, caindo de 68 bilhões para 65 bilhões de dólares. Isso reflete um movimento no qual o Japão, já consolidado como um parceiro econômico dos EUA, passou a diversificar suas relações comerciais, aumentando sua dependência da China ao longo desse período. No geral, 1996 a 2008 foi um período de forte expansão comercial entre China e seus vizinhos asiáticos, marcando o auge da integração da Ásia às Cadeias Globais de Valor. No entanto, essa relação começou a passar por ajustes estratégicos nas décadas seguintes.

A partir de 2018, o comércio asiático começou a sofrer os efeitos de mudanças estruturais nas cadeias produtivas, tensões comerciais e disputas tecnológicas. O crescimento das relações comerciais entre China e Japão desacelerou significativamente, registrando apenas 7,75% no período, subindo de 142 bilhões para 153 bilhões de dólares. Esse crescimento reduzido demonstra um esforço do Japão para reduzir sua dependência da China, diversificando sua cadeia de suprimentos e buscando parcerias alternativas, principalmente com os EUA e países do Sudeste Asiático (HAYAKAWA; KIMURA, 2024).

Enquanto isso, o comércio entre China e Coreia do Sul continuou crescendo a um ritmo acelerado, aumentando 44,86% entre 2018 e 2022, passando de 107 bilhões para 155 bilhões de dólares. Esse crescimento reflete a importância contínua da China como fornecedora de componentes essenciais para a indústria sul-coreana, especialmente no setor de eletrônicos, baterias e semicondutores. Apesar dos esforços dos Estados Unidos para enfraquecer a dependência sul-coreana da China, os dados mostram que a relação comercial entre os dois países permanece forte, impulsionada pelo alto nível de integração produtiva.

Os Estados Unidos, por outro lado, apresentaram um desempenho misto em suas relações comerciais com Japão e Coreia do Sul no mesmo período. O

comércio entre EUA e Japão, entre 2018 e 2022, cresceu apenas 6,85%, subindo de 73 bilhões para 78 bilhões de dólares, demonstrando uma estabilidade na relação comercial entre os dois países, sem grandes avanços ou retrações. Já o comércio entre EUA e Coreia do Sul apresentou um crescimento significativo de 18,97%, passando de 58 bilhões para 69 bilhões de dólares, evidenciando o fortalecimento da parceria econômica entre os dois países, principalmente em setores de tecnologia e defesa.

A Coreia do Sul tem se consolidado como um pilar essencial da indústria global de tecnologia, com empresas como Samsung, LG, Hyundai e SK Hynix desempenhando papéis-chave nos mercados de eletrônicos, semicondutores e veículos elétricos. O crescimento expressivo do comércio sino-coreano (44,86%) demonstra a forte interdependência entre as economias dos dois países, com a China desempenhando um papel essencial no fornecimento de matérias-primas e componentes para as empresas sul-coreanas (BILLIG; SILVA, 2022).

O Japão, por outro lado, tem adotado uma estratégia mais cautelosa, tentando reduzir sua exposição à China e fortalecer suas relações comerciais com os Estados Unidos e o Indo-Pacífico. Esse movimento reflete a crescente preocupação do governo japonês com a dependência da China e a busca por cadeias produtivas mais seguras e diversificadas (JAPAN HOUSE; FUNDAÇÃO FHC, 2024).

Os dados mostram que Japão e Coreia do Sul estão ajustando suas relações comerciais conforme as tensões geopolíticas aumentam. O crescimento relativamente baixo no comércio entre China e Japão (7,75%), comparado ao crescimento expressivo entre China e Coreia do Sul (44,86%), demonstra abordagens diferentes em relação à dependência da China. A Coreia do Sul mantém sua forte integração econômica com Pequim, enquanto o Japão está adotando uma postura mais prudente, diversificando suas parcerias e fortalecendo sua relação com os EUA. O crescimento de 18,97% no comércio entre Coreia do Sul e EUA reforça a tentativa americana de consolidar uma aliança econômica mais forte na Ásia, enquanto o Japão permanece um dos principais aliados estratégicos dos EUA no Indo-Pacífico.

Dessa forma, a Ásia continua sendo o principal polo da economia global, mas está passando por uma fase de reestruturação, na qual Japão e Coreia do Sul

equilibram seus interesses econômicos e políticos entre China e Estados Unidos tendo obrigações importantes como grandes atores da região.

5.4. Conclusão Estudo de Caso

A análise dos dados apresentados ao longo deste estudo de caso demonstra que, apesar das mudanças no cenário geopolítico e das crescentes tensões entre as grandes potências, a globalização econômica ainda persiste. Os fluxos comerciais entre os principais atores do sistema internacional continuam robustos, as Cadeias Globais de Valor seguem ativas e o comércio global, embora desacelerado, não foi revertido. Contudo, a dinâmica da globalização atual é diferente daquela observada nas décadas anteriores. O ritmo de expansão dos mercados internacionais perdeu força, e os números analisados mostram que o comércio entre algumas regiões entrou em um movimento de desaceleração, sugerindo que forças protecionistas e disputas geopolíticas vêm impondo obstáculos ao avanço da interdependência econômica.

O estudo revelou que a desglobalização política exerce influência sobre a globalização econômica, mas não a determina completamente. As tensões comerciais, o crescimento do nacionalismo e as tentativas de reindustrialização doméstica em diversas potências têm impactado as trocas comerciais e a estrutura produtiva global. A diminuição no crescimento do comércio entre alguns países, observada nos dados mais recentes, indica que há uma força em direção à desglobalização econômica. No entanto, essa dinâmica não significa um rompimento definitivo da interconectividade global, mas sim um ajuste na forma como as nações conduzem suas políticas comerciais e industriais (MCKINSEY & COMPANY, 2020).

O “cabo de guerra” entre globalização econômica e desglobalização política é um processo em constante movimento. O fato de haver uma força contrária à integração econômica não implica que a globalização esteja sendo desmontada. Pelo contrário, essa disputa reflete a interação contínua entre os interesses nacionais e a lógica da interdependência produtiva. O comércio global não é simplesmente interrompido quando países adotam políticas protecionistas; ele se adapta a novas regras, negociações e blocos econômicos. Esse fenômeno pode ser observado no ciclo das ondas de globalização, que alternam entre períodos de

intensa integração e momentos de retração, sem que a interdependência econômica seja completamente eliminada (CHASE-DUNN, 2016).

Um fator determinante para essa resiliência da globalização econômica é de que as cadeias produtivas modernas são profundamente interligadas e complexas, dificultando uma ruptura abrupta. A economia global opera dentro de uma lógica que transcende as decisões políticas isoladas de cada país. Por mais que governos busquem maior controle sobre seus mercados e tentem reduzir dependências estratégicas, às pressões do mercado, a necessidade de competitividade e a lógica da eficiência econômica continuam sendo forças poderosas que impedem um retrocesso total da globalização (GÓES; BEKKERS, 2022)

Além disso, a interação entre economia e política também afeta os ciclos de conflito e cooperação global. A dependência mútua entre países, especialmente entre grandes potências como China e Estados Unidos, prolonga o equilíbrio geopolítico e dificulta um desfecho rápido para rivalidades estratégicas. A "Armadilha de Tucídides", na qual uma potência ascendente desafia uma potência estabelecida, pode ter seu desfecho adiado precisamente pela existência dessa interdependência econômica. O alto custo de uma ruptura total entre os blocos de poder faz com que os conflitos sejam contidos dentro de disputas comerciais e tecnológicas, reduzindo as chances de uma escalada abrupta para conflitos diretos (ALLISON, 2017).

Portanto, este estudo de caso confirma que a globalização econômica continua viva, ainda que em uma fase mais lenta e reconfigurada. As forças da desglobalização política criam obstáculos, mas não são, por si só, capazes de desmontar a interconectividade econômica construída ao longo das últimas décadas. O mundo atual está longe de retornar ao protecionismo absoluto, mas também não está mais na era do livre mercado irrestrito. O equilíbrio entre a integração econômica e a fragmentação política seguirá sendo um dos maiores desafios globais das próximas décadas, determinando a trajetória da economia e da geopolítica no século XXI.

6. 2025 E A DESGLOBALIZAÇÃO POLÍTICA EM AÇÃO: O RETORNO DE TRUMP E A RECONFIGURAÇÃO DA ORDEM MUNDIAL

O ano de 2025 se consolidou como um dos períodos mais turbulentos da política internacional recente, marcando um ponto crítico na transição para uma nova fase da desglobalização política. Com o retorno de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, observa-se uma reconfiguração profunda da diplomacia norte-americana, agora baseada em transações comerciais, nacionalismo econômico e a priorização de ganhos estratégicos imediatos sobre compromissos de longo prazo. Se em seu primeiro mandato Trump já havia rompido com diversos acordos multilaterais e implementado políticas protecionistas, sua nova administração em 2025 dobrou a aposta nessa direção, acelerando a fragmentação das relações internacionais e forçando aliados e adversários a reelaborarem suas estratégias geopolíticas, gerando muitas contradições em suas atitudes.

A volta de Trump à Casa Branca trouxe consigo a intensificação de medidas unilateralistas e expansionistas, caracterizadas pela imposição de tarifas a aliados estratégicos, pela tentativa de retomar a hegemonia norte-americana em regiões antes consideradas seguras e pelo afastamento de instituições multilaterais. No entanto, essas ações não apenas reforçam o processo de desglobalização política, mas também criam vácuos que outras potências estão prontas para ocupar, sobretudo a China e a Rússia. A nova política externa dos Estados Unidos é pautada pela lógica do "business approach", onde relações diplomáticas são tratadas como negociações empresariais, sem a preocupação com a estabilidade geopolítica de longo prazo. Esse modelo de transação comercial, aplicado às relações internacionais, tem gerado rupturas desnecessárias, tensionado alianças históricas e impulsionado um realinhamento global ainda mais incerto.

Entre as decisões mais controversas de Trump em 2025 estão a tentativa de comprar a Groenlândia, a reaproximação com Vladimir Putin, ao mesmo tempo em que se reduz drasticamente o apoio à Ucrânia, a imposição de tarifas globais e a ajuda a Israel na investida contra o programa nuclear do Irã. Essas medidas, embora pareçam desconectadas à primeira vista, tem como intuito, reposicionar os Estados Unidos como uma superpotência inquestionável, revertendo décadas de diplomacia baseada no multilateralismo e na interdependência econômica. No

entanto, a realidade geopolítica do século XXI não permite que um país, mesmo uma superpotência como os EUA, aja sem provocar reações adversas. Cada movimento de Trump está sendo calculado por outras potências, que buscam preencher os vácuos deixados por essa política errática e unilateralista.

Para explicar esse novo paradigma adotado pelo governo estadunidense, podemos buscar, no começo de seu mandato, a questão da Groenlândia. A ilha, um território dinamarquês estrategicamente localizado no Ártico, tornou-se um alvo geopolítico fundamental devido às mudanças climáticas, que vêm tornando seus recursos minerais mais acessíveis e criando novas rotas marítimas. A Groenlândia é uma das áreas mais ricas em terras raras, elementos fundamentais para a indústria de tecnologia, defesa e energia renovável. Durante seu primeiro mandato, Trump já havia expressado interesse em comprar a Groenlândia, sendo amplamente negado. No entanto, sua insistência em 2025 reflete a percepção norte-americana de que o controle sobre recursos estratégicos será um fator determinante na disputa geopolítica das próximas décadas.

A reação da comunidade internacional à proposta de anexação da Groenlândia foi fortemente negativa. A União Europeia, a OTAN e a própria Dinamarca denunciaram a iniciativa como uma forma de expansionismo econômico inaceitável, incompatível com as normas do direito internacional. Para os aliados tradicionais dos Estados Unidos, a investida sinalizou a disposição de Trump em romper com o multilateralismo e minar acordos históricos em nome de um ganho unilateral, ilustrando uma atitude pragmática, expansionista e que desconsidera as normas diplomáticas tradicionais.

Também temos a questão da relação entre Donald Trump e a Ucrânia se tornando ainda mais tensa em 2025, por conta da decisão de reduzir significativamente o apoio militar e financeiro a Kiev. Durante reunião com Volodymyr Zelensky na Casa Branca, Trump foi duramente criticado pela imprensa internacional ao adotar um tom ríspido e até mesmo grosseiro, interrompendo falas do presidente ucraniano e desdenhando publicamente de suas demandas por armamentos e garantias de segurança. Esse comportamento, interpretado como um verdadeiro ato de desrespeito diplomático, enviou um sinal claro de que os Estados Unidos estavam dispostos a reavaliar seu compromisso com a defesa da Europa Oriental, priorizando uma estratégia de contenção de custos e de distanciamento de conflitos considerados de interesse limitado. Para aliados da OTAN, o episódio sou

como um alerta sobre a imprevisibilidade do governo norte-americano e sua disposição de abandonar parceiros históricos em nome de uma política isolacionista.

A retração no fornecimento de armas, recursos e assistência à Ucrânia acabou favorecendo diretamente os interesses russos na região. Sem o respaldo financeiro e logístico norte-americano no mesmo nível dos anos anteriores, Kiev passou a enfrentar maiores dificuldades para manter sua capacidade de resistência, enquanto Vladimir Putin se aproveitava dessa vulnerabilidade para consolidar avanços no leste ucraniano e fortalecer sua esfera de influência.

Nesse contexto, o próprio governo Trump sinalizou interesse em estabelecer acordos comerciais bilaterais com a Rússia, principalmente no setor de terras raras e energia. Esse movimento chama atenção por negociar diretamente com um país que, até pouco tempo atrás, era classificado como invasor e ameaça à ordem democrática europeia. Ao priorizar interesses econômicos imediatos e a redução de custos estratégicos, Trump rompeu com a tradição diplomática estadunidense de apoio a parceiros sob risco e defesa de valores democráticos. Essa guinada pragmática deixou aliados em alerta, ao evidenciar que princípios democráticos poderiam ser subordinados a cálculos de curto prazo e à manutenção do poderio econômico estadunidense no tabuleiro internacional.

Além disso, a aproximação entre Washington e Moscou traz implicações diretas para a estrutura geopolítica global, sobretudo no contexto do BRICS. Caso se consolide um acordo de fornecimento de terras raras, os Estados Unidos poderiam reduzir significativamente sua dependência da China nesse setor vital, ao mesmo tempo em que neutralizaria parte do incentivo russo em apoiar iniciativas de desdolarização. Patrick Bond e Ana Garcia argumentam que, se os Estados Unidos conseguirem integrar a Rússia a uma parceria estratégica dolarizada, isso reduziria substancialmente a capacidade do BRICS de desafiar a hegemonia financeira ocidental, frustrando os esforços chineses para consolidar o yuan como alternativa global. Seria esse gesto de aproximação com regimes autocráticos e busca de vantagens comerciais imediatas uma tentativa de Donald Trump de preservar a supremacia do dólar no sistema internacional? (BOND; GARCIA, 2015).

Outro elemento central que destaca essa ambiguidade da nova abordagem estadunidense foi a escalada de tensões comerciais globais a partir de 2025. Donald Trump determinou a imposição de tarifas generalizadas sobre importações de uma ampla gama de países, em patamares que chegaram a desestabilizar

cadeias produtivas inteiras. Sob a justificativa de proteger a indústria manufatureira estadunidense e garantir a segurança econômica nacional, tais tarifas criaram incertezas profundas no comércio internacional, elevando custos, prejudicando contratos de longo prazo e dificultando a previsibilidade essencial para investimentos. O resultado imediato foi uma retração de fluxos de comércio e um aumento na fragmentação das cadeias globais de valor, agravando a tendência de decréscimo da globalização econômica.

A insatisfação com essas medidas foi quase unânime entre os principais parceiros comerciais dos Estados Unidos. Países altamente dependentes do mercado estadunidense, especialmente Canadá e México, sentiram os efeitos de forma mais intensa, pois suas economias são fortemente integradas à cadeia produtiva norte-americana. Ao mirar aliados tão próximos, Trump optou deliberadamente por explorar sua vulnerabilidade para extrair concessões comerciais mais vantajosas, elevando tarifas sobre produtos canadenses e mexicanos em até 25%. Esse movimento tensionou o USMCA e gerou temor sobre a confiabilidade de Washington como parceiro econômico estável, afetando não apenas relações governamentais, mas também a confiança do setor privado.

A repercussão foi imediata nos mercados financeiros. Agências como a Moody's diminuíram a nota de crédito dos Estados Unidos, revisando para baixo as perspectivas de segurança e estabilidade do ambiente de negócios, refletindo o temor de que disputas comerciais imprevisíveis se tornassem a norma. Esse cenário contribuiu para uma maior cautela por parte de investidores globais. As empresas multinacionais, por sua vez, começaram a estudar formas de realocar suas operações para fugir das incertezas criadas pela política tarifária de Trump, enfraquecendo a atratividade produtiva do território estadunidense no médio prazo.

Nesse vácuo de liderança, a China se movimentou rapidamente para oferecer acordos comerciais e investimentos alternativos ao México, ao Canadá e a outros países afetados, ampliando sua influência geoeconômica no continente americano. Embora a estratégia de Trump tenha parecido promissora no curto prazo ao arrancar vantagens de parceiros deficitários, ela corre o risco de se tornar um efeito reverso no médio prazo, pois força esses mesmos países a repensarem sua dependência e até mesmo seu alinhamento geopolítico. Quando confrontados com a necessidade de escolher lados em futuras disputas, esses parceiros podem relutar em apoiar os Estados Unidos, justamente em razão do clima de imprevisibilidade e

pressão excessiva que experimentaram sob a política tarifária estadunidense.

No Oriente Médio, a política externa de Donald Trump em 2025 seguiu um caminho que combinou intervenção militar direta e tentativas de projetar influência econômica. Um dos episódios mais marcantes foi o ataque coordenado a instalações nucleares iranianas, justificado oficialmente como uma medida para impedir o avanço do programa atômico de Teerã e proteger a estabilidade regional. Paralelamente, Trump reforçou o apoio militar e político a Israel, ampliando a assistência em defesa antimísseis e inteligência para enfrentar grupos como o Hamas e o Hezbollah. Além das ações militares, o presidente estadunidense tentou lançar um ambicioso projeto de “Riviera Palestina”, apresentando-o como um plano de desenvolvimento econômico para a Faixa de Gaza e a Cisjordânia. A proposta, amplamente criticada por ignorar as reivindicações políticas do povo palestino, buscava criar uma zona turística e comercial sob supervisão de aliados regionais, como os Emirados Árabes Unidos, com forte participação de empresas estadunidenses.

Essas iniciativas revelam um fenômeno que pode ser caracterizado como um isolacionismo por seleção: uma política na qual os Estados Unidos se retiram de compromissos considerados dispendiosos e de benefício limitado, como o apoio à Ucrânia, mas escolhem manter e até intensificar sua presença em regiões que ofereçam vantagens estratégicas e econômicas mais claras. Ao reorientar recursos e foco para o Oriente Médio, a administração Trump priorizou o controle sobre fontes energéticas, rotas comerciais como o Estreito de Hormuz e a contenção de potências regionais hostis, em detrimento do engajamento na Europa Oriental. Esse modelo seletivo de envolvimento externo evidencia uma contradição fundamental: enquanto sustenta um discurso de redução do papel estadunidense como “polícia do mundo”, continua a intervir ativamente onde há ganhos materiais mais diretos para os interesses nacionais.

A longo prazo, essa estratégia apresenta riscos significativos para a liderança estadunidense no sistema internacional. A concentração no Oriente Médio deixou vácuos na Europa e em outras regiões, que passaram a ser disputados por China e Rússia em busca de ampliar sua influência. Além disso, ao associar sua política externa a ganhos econômicos imediatos e à proteção de aliados específicos, como Israel, os Estados Unidos alimentam percepções de parcialidade e oportunismo, comprometendo sua capacidade de mediar conflitos e construir consensos

multilaterais. A retórica de Trump de “América em primeiro lugar”, aplicada seletivamente, reforça o distanciamento de aliados tradicionais e dificulta a construção de alianças amplas e duradouras, agravando o processo de fragmentação da ordem global.

Dessa forma, a desglobalização política não se manifesta apenas na fragmentação das relações internacionais, mas também na erosão democrática que vem ocorrendo em diversas partes do mundo. O Índice V-Dem, criado pela universidade de Gotemburgo, Suécia, revela que, em 2025, 72% da população mundial vive sob regimes autocráticos, o maior nível desde 1986. Essa transformação política está intrinsecamente ligada à interdependência econômica criada pelo período áureo de globalização, pois governos autoritários tendem a adotar políticas protecionistas, a restringir fluxos de capital e a fragmentar cadeias produtivas globais, reforçando o processo de fragmentação da ordem internacional.

Outro fator importante é a dificuldade das democracias em estabelecer políticas externas de longo prazo. Diferentemente de regimes autoritários, onde a continuidade governamental permite planejamento estratégico de décadas, as democracias sofrem com ciclos eleitorais curtos, que tornam a política externa volátil e sujeita a mudanças bruscas. Putin, por exemplo, sabe que Trump sairá do poder em quatro anos, enquanto ele permanecerá no Kremlin, podendo adotar uma estratégia de espera e reposicionamento. Esse fator dá vantagem estratégica a governos autoritários na competição global, pois eles conseguem implementar políticas de longo prazo sem a instabilidade das transições democráticas.

O ano de 2025 marca, portanto, um dos momentos mais críticos para a desglobalização política, consolidando um cenário de fragmentação crescente. A nova postura dos Estados Unidos, longe de reafirmar sua hegemonia, pode estar acelerando o fenômeno cíclico da globalização, dando mais espaço para a rivalidade das grandes potências e aproximando o mundo do desfecho da Armadilha de Tucídides. Consolidando um cenário onde a globalização política e econômica se torna cada vez mais difícil de ser sustentada.

7. CONCLUSÃO

A crescente dissociação entre globalização econômica e desglobalização política configura um dos desafios centrais para a compreensão das relações internacionais contemporâneas. Este estudo demonstrou como a economia global permanece interconectada, impulsionada pela tecnologia e pela expansão das cadeias globais de valor, enquanto a esfera política segue uma trajetória de fragmentação, caracterizada por políticas protecionistas, crises institucionais e a reorganização de blocos geopolíticos.

Ao longo da pesquisa, analisamos detalhadamente os fundamentos históricos e teóricos da globalização e da desglobalização, demonstrando como esses fenômenos não podem ser interpretados como processos unidimensionais. O conceito de globalização, desde suas formulações iniciais por Marx e Engels até as discussões contemporâneas sobre ciclos históricos e padrões de hegemonia global, foi estudado sob múltiplos prismas. A evolução das cadeias globais de valor, o impacto da Revolução Digital e a interdependência econômica consolidada ao longo das últimas décadas foram discutidos como vetores fundamentais da globalização econômica, enquanto o crescimento do nacionalismo, a crise das instituições multilaterais e a reconfiguração das alianças estratégicas apontam para uma desglobalização política em curso.

A análise dos ciclos de ascensão e queda de grandes potências revelou que essa dissociação entre economia e política não segue um padrão histórico recorrente, mas sim um evento isolado dentro deste ciclo atual. Diferentemente de outros momentos de reorganização global, onde a fragmentação política esteve diretamente associada a uma retração econômica, o contexto contemporâneo mostra que a globalização econômica persiste apesar da crise das instituições políticas. Esse fenômeno pode ser atribuído à transformação estrutural da economia mundial, impulsionada pela digitalização, pela evolução das cadeias produtivas e pelo fortalecimento de grandes empresas multinacionais de tecnologia e serviços. Como já apontado por Theodore Levitt, a tecnologia desempenha um papel central na convergência dos mercados globais, permitindo que a interdependência econômica se mantenha mesmo em cenários de instabilidade geopolítica.

Além disso, essa nova dinâmica global não representa uma contradição, mas sim um rearranjo dos mecanismos de interação entre política e economia. Enquanto setores estratégicos são nacionalizados e protegidos por políticas estatais, o comércio internacional e os fluxos financeiros continuam operando sob uma lógica interconectada, ainda que em ritmo desacelerado. Como argumentam Donnan e Leatherby (2019), a digitalização da economia expande os mercados além das barreiras físicas e políticas, reforçando a autonomia relativa da economia global. Baldwin (2016) também destaca que a interdependência das cadeias produtivas impede uma reversão completa da globalização econômica, garantindo sua resiliência mesmo diante de crises de desglobalização. Assim, o cenário atual evidencia um descolamento progressivo entre essas duas esferas, consolidando um novo modelo no qual a economia global continua a operar independentemente das estruturas políticas tradicionais, ainda que sob novas tensões, configurações e desafios.

Outro aspecto central dessa pesquisa foi a análise do papel das instituições globais e da governança multilateral na contenção ou aceleração desse descolamento. Essas instituições foram concebidas sob a hegemonia estadunidense, refletindo um pensamento ocidentalizado que buscava consolidar a influência dos EUA nas relações internacionais. Como argumenta Wallerstein (2004), a estrutura dessas organizações serviu para sustentar a ordem capitalista global, beneficiando os países centrais e limitando a autonomia dos demais atores internacionais. A crise da OMC, a polarização no Conselho de Segurança da ONU e as disputas dentro da União Europeia e do G20 evidenciam um enfraquecimento dos instrumentos de coordenação política global, enquanto a ascensão de acordos regionais e alianças bilaterais aponta para uma descentralização da governança internacional. Como demonstrado na Figura 1 - Ciclos de Globalização (p. 38), à medida que o sistema se aproxima da desglobalização, as instituições internacionais perdem força e legitimidade. Isso ocorre porque, enquanto a globalização econômica tende a mitigar esse processo, a desglobalização política atua como um acelerador, intensificando a fragmentação e reduzindo a capacidade das organizações multilaterais de gerenciar crises globais (Chase-Dunn, 2023; Allison, 2017).

Complementando, os dados do estudo de caso demonstram que a globalização econômica tem perdido força ao longo das últimas décadas. O

crescimento do comércio entre 1996 e 2008 foi significativamente maior do que entre 2018 e 2022, mesmo considerando taxas anuais médias. Evidenciando que, embora a economia global ainda siga uma trajetória de expansão, a desglobalização política ainda exerce tração suficiente para desacelerar seu crescimento.

Isso reforça a ideia de que as esferas política e econômica da globalização continuam interligadas, mas a influência mútua entre elas é muito menos intensa do que quando comparada a ciclos anteriores. Como argumenta Chase-Dunn (2016) em *Social Change: Globalization from the Stone Age to the Present*, os ciclos de globalização sempre ocorreram, e as esferas política e econômica sempre se influenciaram mutuamente. No entanto, no ciclo atual, observa-se uma mudança significativa nesse padrão, em que a globalização econômica tem se mostrado mais resiliente e estratégica frente à desglobalização política.

A globalização moderna, impulsionada pela digitalização, tecnologia e pela evolução das cadeias produtivas, permite que a economia global continue operando mesmo em um contexto de fragmentação política. Essa transformação estrutural evidencia que, no ciclo atual, a globalização econômica tem se adaptado para operar mesmo em um mundo politicamente desglobalizado. O avanço da tecnologia e a reconfiguração do capitalismo garantem que, apesar do enfraquecimento das instituições globais e da fragmentação política, a economia mundial continue funcionando, ainda que sob novas dinâmicas. Esse rearranjo estrutural, impulsionado pela digitalização e pela expansão das cadeias globais de valor, prova ainda mais que essas esferas estão se distanciando progressivamente.

Dessa forma, a desglobalização política tem força suficiente para reduzir a intensidade da globalização econômica, mas não para revertê-la completamente. A interdependência econômica criada ao longo das últimas décadas, alçadas pela teoria de vantagens comparativas de David Ricardo, impede uma ruptura definitiva, resultando em uma adaptação dos mercados globais a um ambiente político fragmentado. Isso evidencia que a economia global não está imune à fragmentação política, mas tem demonstrado capacidade de se adaptar para continuar operando mesmo em meio a tensões geopolíticas e instabilidade institucional global.

As transformações sociais também desempenham um papel fundamental nesse processo. O crescimento de movimentos populistas e o aumento da polarização política em diversos países sugerem uma resistência crescente à integração política global. No entanto, ao mesmo tempo, a interconectividade

cultural e o compartilhamento de valores e ideias através das redes sociais e da mídia globalizada demonstram que a globalização não se limita apenas a fluxos econômicos, mas também se manifesta em novas formas de conexão entre as populações.

A análise dos dados quantitativos apresentados ao longo do estudo corrobora essa tendência. O Gráfico 3 (p. 52) ilustra a crescente disparidade entre globalização econômica e política nas últimas décadas, evidenciando como a economia mundial continua a se expandir, enquanto a cooperação política internacional enfraquece. Essa dissociação sugere que os princípios que guiaram a ordem global pós-Guerra Fria estão sendo desafiados por novos equilíbrios de poder.

As implicações desse descolamento são profundas. Em termos de governança global, a fragilização das instituições multilaterais dificulta a implementação de soluções coordenadas para desafios globais, como mudanças climáticas, segurança cibernética e crises humanitárias. Do ponto de vista econômico, a dependência mútua entre os mercados internacionais sugere que uma completa desglobalização é improvável, mas não impede a adoção de medidas protecionistas que possam gerar rupturas em setores específicos.

No cenário político, a crescente rivalidade entre blocos pode acentuar as divisões entre nações, levando a um aumento na competição geopolítica e à formação de alianças baseadas em interesses estratégicos, ao invés de valores compartilhados. Esse contexto também tem impacto sobre economias emergentes, que precisam ou equilibrar sua inserção no mercado global com a necessidade de preservar sua autonomia política, ou escolher um lado.

Dessa forma, este estudo conclui que o descolamento entre globalização econômica e desglobalização política é um fenômeno que reflete a complexidade das interações internacionais no século XXI. No entanto, é fundamental reconhecer que qualquer análise desse tipo está inserida em um contexto temporal específico e que não temos a capacidade de prever com exatidão os rumos futuros da globalização e da desglobalização. O ano de 2025 ilustra bem essa incerteza: embora os dados analisados apontem para um descolamento progressivo entre economia e política, não há garantias de que esse padrão será mantido indefinidamente. As variáveis envolvidas na dinâmica global são muitas e imprevisíveis, o que impede qualquer afirmação definitiva sobre a continuidade

desse fenômeno. Como cientistas, devemos alinhar nossa percepção aos resultados empíricos e não às nossas vontades ou expectativas sobre a validade de nossas hipóteses. Este estudo demonstra que, no tempo presente, estamos vivenciando esse descolamento, mas, assim como em ciclos passados, mudanças estruturais podem reconfigurar essa dinâmica no futuro. Dessa forma, qualquer afirmação sobre a permanência desse fenômeno deve ser feita com cautela, reconhecendo os limites da análise preditiva.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, Alexis; CHASE-DUNN, Christopher; LIAO, Yuhao. *Waves of Structural Deglobalization: A World-Systems Perspective*. Social Sciences - MDPI, Institute for Research on World-Systems, University of California-Riverside, Riverside, CA 92521, USA, 12 maio 2023. DOI <https://doi.org/10.3390/socsci12050301>.

Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0760/12/5/301>. Acesso em: 16 abr. 2024.

ALLISON, Graham. *Destined for War: Can America and China Escape Thucydides's Trap?* Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.

ANDŌ, Mitsuyo; HAYAKAWA, Kazunobu; KIMURA, Fukunari. *The Threat of Economic Deglobalization from Cold War 2.0: A Japanese Perspective*. Asian Economic Papers, 2024, v. 23, n. 1, p. 46–65. Disponível em: https://doi.org/10.1162/asep_a_00875. Acesso em: 3 de março de 2025.

ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY. *Trade Data Downloads*. Disponível em: <https://atlas.hks.harvard.edu/data-downloads#trade>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2025.

BAHAR, D. et al. *Japan's Economic Puzzle*. 2024. Disponível em: <http://www.tinyurl.com/2xf5x9et>. Acesso em: 8 de janeiro de 2025.

BALDWIN, Richard E. *The Great Convergence: Information Technology and the New Globalization*. Cambridge: Harvard University Press, 2016.

BEAUCILLON, Charlotte. *European Strategic Autonomy and its Implications*. 2023. Disponível em: https://www.europeanpapers.eu/en/system/files/pdf_version/EP_EF_2023_I_012_Charlotte_Beaucillon_00664.pdf. Acesso em: 14 de fevereiro de 2025.

BELLO, Walden. *Deglobalization: Ideas for a New World Economy.* [S. l.]: Bristol University Press, 2002. 160 p.

BOND, Patrick; GARCIA, Ana (Ed.). *Brics: an anti-capitalist critique.* 1. ed. [S.l.]: Pluto Press, 2015.

BOWN, C. *The US-China Trade War and Phase One Agreement.* Washington, DC: Peterson Institute for International Economics, 2020.

BOSTON CONSULTING GROUP. *Shifting Dynamics of Nearshoring in Mexico.* Disponível em: <https://www.bcg.com/publications/2024/shifting-dynamics-of-nearshoring-in-mexico>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2025.

CHACUA, C. et al. *Global Trends in Innovation Patterns: A Complexity Approach.* 2024. Disponível em: <http://www.tinyurl.com/28yjxnbm>. Acesso em: 18 de dezembro de 2024.

CHACUA, C. et al. *Innovation Policies Under Economic Complexity.* 2024. Disponível em: <http://www.tinyurl.com/26p97acf>. Acesso em: 27 de dezembro de 2024.

CHASE-DUNN, Christopher; HALL, Thomas D. *Rise and Demise: Comparing World-Systems.* Boulder: Westview Press, 1997.

CHASE-DUNN, Christopher; LERRO, Bruce. *Social Change: Globalization from the Stone Age to the Present.* New York: Routledge, 2016.

CONSELHO EUROPEU. *EU-US Trade Relations.* Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/infographics/eu-us-trade/>. Acesso em: 5 de janeiro de 2025.

DERMENDZHIEV, Atanas. *The Globalization of Political Processes: The Geographical View.* Journal of Political Science, 2018. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/07036337.2018.1488839?needAccess=true>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2025.

DONNAN, Shawn; LEATHERBY, Lauren. Globalization Isn't Dying, It's Just Evolving. Bloomberg, [S. l.], 23 jul. 2019. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/graphics/2019-globalization/>. Acesso em: 9 abr. 2024.

DOVER, Stephen H. Quick thoughts: De-globalization—Myth or reality?: Is globalization truly dead? Stephen Dover, head of Franklin Templeton Institute, explores what drives globalization, whether we are currently in a “de-globalization” wave—and what it means for investors. Franklin Templeton, [s. l.], 17 nov. 2022. Disponível em: <https://www.franklintempleton.com/articles/strategist-views/quick-thoughts-de-globalization-myth-or-reality>. Acesso em: 9 abr. 2024.

DOSHI, Rush. *The Long Game: China's Grand Strategy to Displace American Order*. New York: Oxford University Press, 2021.

DREHER, Axel. Does Globalization Affect Growth? Evidence from a New Index of Globalization. *Applied Economics*, v. 38, n. 10, p. 1091-1110, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00036840500392078>. Acesso em: 21 nov. 2024.

EEAS. *EU-China Relations Factsheet*. Disponível em: https://www.eeas.europa.eu/eeas/eu-china-relations-factsheet_en. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

ETH ZURICH. KOF Globalisation Index: degree of globalisation still below pre-pandemic levels., 2023. Disponível em: <https://kof.ethz.ch/en/forecasts-and-indicators/indicators/kof-globalisation-index.html>. Acesso em: 18 nov. 2024.

ETH ZURICH. KOF Globalisation Index. Zurique: Instituto Federal de Tecnologia de Zurique, 2023. Disponível em: <https://kof.ethz.ch/en/news-and-events/media/press-releases/2023/12/globalisation-index.html>. Acesso em: 28 out. 2024

FINANCIAL TIMES. *Global Trade and Economic Trends*. 2024. Disponível em: <https://www.ft.com/content/f61d6b7b-0250-4edf-aac1-ba0ca18545cd>. Acesso em: 7 de janeiro de 2025.

FUNDAÇÃO FHC & JAPAN HOUSE. *A Posição do Japão em um Mundo Incerto*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6savqRclMU&t=3s&ab_channel=Funda%C3%A7%C3%A3oFHC. Acesso em: 28 de fevereiro de 2025.

GILPIN, ROBERT “The Theory of Hegemonic War,” *Journal of Interdisciplinary History* 18:4 (Spring 1988): 591-613; Robert Gilpin, *War and Change in World Politics* (New York: Cambridge University Press, 1981).

GOVERNO ALEMÃO. *China Strategy Document*. 2024. Disponível em: <https://www.auswaertiges-amt.de/resource/blob/2608580/49d50fecc479304c3da2e2079c55e106/china-strategie-en-data.pdf>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2025.

GYGLI, Savina; HAELG, Florian; POTRAFKE, Niklas; STURM, Jan-Egbert. The KOF Globalisation Index – Revisited, *Review of International Organizations*, 14(3), 543-574, 2019. <https://doi.org/10.1007/s11558-019-09344-2> Disponível em: <https://kof.ethz.ch/en/forecasts-and-indicators/indicators/kof-globalisation-index.html>. Acesso em: 19 mai. 2024

GROSSE, Robert; GAMSO, Jonas; NELSON, Roy C. De-Globalization is a Myth. *AIB Insights*, [s. l.], 16 fev. 2022. DOI <https://doi.org/10.46697/001c.32513>. Disponível em: <https://insights.aib.world/article/32513-de-globalization-is-a-myth>. Acesso em:

9 abr. 2024.

GROWTHLAB. *Harvard Growth Lab Research*. Disponível em: <https://growthlab.hks.harvard.edu/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2024.

HAROLD, James. Deglobalization: The Rise of Disembedded Unilateralism. *ANNUAL REVIEW OF FINANCIAL ECONOMICS*, Woodrow Wilson School of Public and International Affairs, Princeton University, Princeton, New Jersey, 15 set. 2018. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev-financial-110217-022625>. Disponível em: https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev-financial-110217-022625;jsessionid=afkh85njl9v8vtAJMd12ep_VCQtdE0LOSaLG68b6.annurevlive-10-241-10-70. Acesso em: 17 abr. 2024.

HELD, David; GOLDBLATT, David; MCGREW, Anthony G.; PERRATON, Jonathan. *Global Transformations: Politics, Economics, and Culture*. Stanford: Stanford University Press, 1999.

IPEA. *Artigo - Cadeias Globais de Valor, Políticas Públicas e Desenvolvimento*. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/download/866/475/4040>. Acesso em: 22 de janeiro de 2025.

JAVORCIK, B. et al. *Economic Costs of Friend-shoring*. In: *Goeconomic Fragmentation: The Economic Risks from a Fractured World Economy*. CEPR Press, Paris, 2023, p. 29-38. Disponível em: <http://www.tinyurl.com/2x6295jh>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2025.

JEANNE, Ludovic; BOURDIN, Sébastien; NADOU, Fabien; NOIRET, Gabriel. *Economic Globalization and the COVID-19 Pandemic: Global Spread and Inequalities*. *Journal of International Economics*, 2022.

KENNEDY, Paul. *Ascensão e Queda das Grandes Potências*. [S. l.]: Elsevier, 1987. 675 p.

LE MONDE. *Strategic Autonomy and European Politics*. 2023. Disponível em: https://www.lemonde.fr/en/opinion/article/2023/04/12/strategic-autonomy-is-both-in-macron-s-european-dna-and-his-most-divisive-battle_6022645_23.html. Acesso em: 1 de março de 2025.

LEVITT, Theodore. The Globalization of Markets. *Harvard Business Review*, [s. l.], p. 1-23, 15 maio 1983. Disponível em: <https://hbr.org/1983/05/the-globalization-of-markets>. Acesso em: 7 maio 2024.

LIM, E.; SPENCE, M.; HAUSMANN, R. *China and the Global Economy: Medium-term Issues and Options - A Synthesis Report*. 2006. Disponível em: <http://www.tinyurl.com/22294qvw>. Acesso em: 21 de março de 2025.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 1848.

MCKINSEY & COMPANY. *Risk, Resilience, and Rebalancing in Global Value Chains*. 2024. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/capabilities/operations/our-insights/risk-resilience-and-rebalancing-in-global-value-chains/pt-BR>. Acesso em: 6 de março de 2025.

NESE, Annamaria. Migrations in Italy and Perceptions of Ethnic Threat. *Journal of International Migration and Integration*, [s. l.], 1 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.1007/s12134-022-00985-8>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12134-022-00985-8>. Acesso em: 9 maio 2024.

PASTOR, R. A. *The North American Idea: A Vision of a Continental Future*. New York: Oxford University Press, 2011.

POTRAFKE, Niklas. The Evidence on Globalization. *The World Economy*, v. 38, n. 3, p. 509-552, 2015. Acesso em: 21 nov. 2024.

RICARDO, David. *The Principles of Political Economy and Taxation*. Londres:

John Murray, 1817.

Rodrik, Dani. *The Globalization Paradox: Democracy and the Future of the World Economy*. New York and London: W.W. Norton; 2018 p. 368.

SELLTIZ, Claire; WRIGHTSMAN, Lawrence S.; COOK, Stuart W. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. 2. ed. São Paulo: EPU, 1987.

SHAMBAUGH, David. *China Goes Global: The Partial Power*. New York: Oxford University Press, 2013.

TOOZE, A. *Crashed: How a Decade of Financial Crises Changed the World*. New York: Viking, 2018.

U.S. BUREAU OF ECONOMIC ANALYSIS. U.S. International Transactions, 2nd Quarter 2024. Disponível em: <https://www.bea.gov/news/2024/us-international-transactions-2nd-quarter-2024>. Acesso em: 15 out. 2024

V-DEM INSTITUTE. *Democracy report 2025: 25 years of autocratization – democracy trumped?* Gotemburgo: University of Gothenburg, 2025.

VILLARREAL, M. A.; FERGUSON, I. F. *The United States-Mexico-Canada Agreement (USMCA)*. Congressional Research Service, 2020.

WAISBICH, Laura Trajber. Não alinhamento ativo: o Brasil e a mensuração da cooperação Sul-Sul para o desenvolvimento. *Revista Tempo do Mundo*, n. 31, p. 55-86, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.38116/rtm31art2>. Acesso em: 16 jun. 2024.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Decline of American Power: The U.S. in a Chaotic World*. In: *THE DECLINE of American Power: The U.S. in a Chaotic World*. New York: The New Press, 2003. cap. 3. *Globalization: A Long-Term Trajectory of the World-System*, p. 31-45. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=-IARBgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR9&ots=h4A7zUFvc9&sig=3sm_vIVYdwJCftHtS-qYyAxkzfU&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 16 abr. 2024.

WALLERSTEIN, Immanuel. *World-Systems Analysis: An Introduction*. [S. l.]: Duke University Press, 2004. p. 128.

WORLD BANK GROUP. *Relatório de Desenvolvimento Social 2023. Migrantes, Refugiados e Sociedades*, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/server/api/core/bitstreams/291dab9c-cd-ee-4b0d-947f-b88e35bfc6e8/content>. Acesso em: 17 abr. 2024.

WORLD BANK GROUP. *Tariff rate, most favored nation, simple mean, all products (%)*, 2021. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/TM.TAX.MRCH.SM.FN.ZS>. Acesso em: 4 abr. 2024.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.